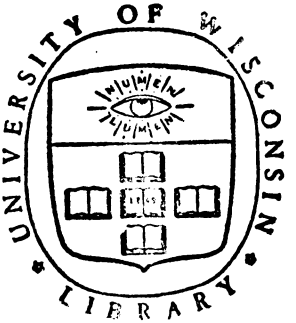
This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

https://books.google.com

PQ
9261
.C3
I54

Digitized by Google



Digitized by Google

INSPIRAÇOENS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PORTO

TYPOGRAPHIA DE J. J. GONÇALVES BASTO.
Largo do Corpo da Guarda n.° 106.

—

1851.

Digitized by Google

Digitized by Google

INSPIRAÇOENS

POR

Camillo Castello Branco.

Digitized by Google

PORTO

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ JOAQUIM GONÇALVES BASTO.
Largo do Corpo da Guarda n.º 106.

1851.

Digitized by Google

1157726

PQ
9261
.C3
I54

A * * *

São teus os carmes, que escrevo,
Teus, meu anjo inspirador,
Tu me inspiras na alegria;
Tambem m'inspiras na dôr.

Digitized by Google

Digitized by Google

O TEU LIVRO.

Chatterton

... .
La poesie!... — elle m'a sauvé...
elle m'a perdu!

Quaker

Et à presént que fais-tu donc?

Chatterton

Que sais-je?... j'ecri. — Pourquoi?
Je n'en sais rien.... Parce qu'il le
faut...

CHATTERTON (*Alfred de Vigny.*)

UM livro, anjo do céo, quero offertart'o,
Não rico d'instrucção; pomposo e altivo
De sentimento, sim! — Filho dest'alma,
Nasceu-me entre gemidos, e martyrios,
E lagrimas de fel... Mal sabes quanto
De profundo soffrer m'inspira os hymnos
Que ahi dispersos vês nas pobres paginas,
Tão pobres para ti, perola augusta
Da corôa do SENHOR!... Mal avalias
O fel que ahi repassa as minhas trovas,
As tuas... minhas, não — que eu nada tenho

Digitized by Google

Alem do teu amor!
Vivi, sósinho,
Muito longe de ti, entre as fraguras
Dessas serras d'além, onde a tristesa
Esmaga o coração, qual o rochedo,
Que la nos calvos serros se debruça,
Pesando em peito de homem!... Tristes versos
No ermo descantei!... a dôr m'os dava,
A dôr m'os inspirou! Trovas descrentes,
Não luzem de prazer, não tem um nome
Perfumado no amor, rindo ao futuro!

Peregrino, sem fé, estranho ao mundo,
Busquei no meu deserto abrigo ao menos
Aonde repousar do afan da vida
Mentida d'illusões. Ancia de morte
Passou-me o coração...—senti-me baldo
A todo o sentimento, a toda a crença
Na terra, onde viver tanto que eu tinha!
Affeito ao meu soffrer, achei um instante
De santo refrigerio. Circumscripto
Aos meus, tão meus amargos pensamentos,
Pedi á fantasia uma chymera,
Uma 'strela, uma flor, um anjo, um sonho,
Que eu carecia d'amor, e exhaurido
Na ancia da paixão, não tinha um raio
De luz celestial nesta negrura
D'espirito sem fé, nem luz, nem vida!

Digitized by Google

Sonhei-te, errante sombra! — eu vi-te a imagem
Envôlta nos arminhos transparentes
D'um extasis do céo... Vi-te um sorriso
Pendente em labios vîrgens, onde o orvalho
Da candida innocencia rossiava
Um halito de vida! Cantos mysticos
Fervorosos d'amor, indifinidos
D'aspirações tão vãas, mas tão passadas
De ternura e de fé... sagrei-t'os, anjo,
No silencio da dôr, como um gemido
Soltado na soidão d'amplo deserto,
Gemido só p'ra Deus, defeso aos homens!

Não eras tu nesse tempo
Propheta de coração?
Não previas uma vida
A pedir-te animação?

Não sonhavas esta imagem
Como eu sonhei a tua?
Não a buscaste de noite
Entre o cortejo da lua?

Não escutaste uma estrella,
Que te fallava de mim?
Aos teus sonhos d'innocencia
Não quizeste achar um fim?

Digitized by Google

Não tinhas na harpa da alma
Vagos sons sem harmonia?
Não sentiste um hymno dentro
Em vibrações de poesia?

Uns olhos, que tinham fogo,
Não scintillaram nos teus?
Tinhas sentido já d'outros
O que sentiste dos meus?

Tinhas já visto uma lagrima
Em faces d'homem brilhar?
Viste um gemido espontaneo
G'elidos labios queimar?

Ouviste igual juramento
Dado em presença dos céos?
Alguem, pedindo-te amor,
Jurára o nome de Deos?

Quero dar-te o meu livro, embora o rasgues...
Se em tuas mãos viveu breves minutos
De mais foi venturoso!... Se d'entre ellas,
Desfolhado cahiu... que importa?... o goivo
Colhido entre sepulchros não se mirra
Em dedos innocentes? Pode o aroma
Da flôr, que emmurcheceu, valer um riso
A' pobre que não tem outra existencia,
Outro lindo verdor de primavera?!...

Digitized by Google

. . . . . .

É este o meu thesouro d'amarguras!..
Das paginas, qne tem, se alguma vires
Matisada d'amor... crê que um delirio
D'est'alma, que repelle o desalento,
Ahi gravado foi... Se desditosa
A vida te correr... quem sabe... um dia...
Recorda-te da infancia, abre esse livro,
Um balsamo, um consolo acharás n'elle.

Mal sabes que prazer revive n'alma,
Embora angustiada na saudade,
Se das grandes paixões resta a memoria!

Digitized by Google

TRAIÇÃO E VINGANÇA

(A MINHA PRIMEIRA POESIA).

I.

Um cavalleiro partira
A batalhar por Jezus:
Negro era o manto, e a cota,
Era d'ouro a espada e cruz.

Se foi a amante, se Christo
Que nas luctas invocou,
Não n'o dizem — que não podem —
Os hereges que matou.

Entre as hordas agarenas,
Quem o viu — rei do terror —
Nuvem de pó, e de sangue
Entre arrancos d'estertor...

Digitized by Google

Quem o viu rasgar co' a lança
Um 'squadrão cerrado, inteiro,
Não nos conta se era raio,
Satanaz, ou cavalleiro!

A vizeira nunca erguêra,
Nem despregara o broquel...
Quem lhe visse a face torva
Vira-lhe um riso cruel...

Ao mal-f'rido contendor,
Quando aos pés lhe agonisava,
No extremo arfar da vida
Uma risada lhe dava.

Ninguem trava armas com elle
Que lhe ás mãos alfim não morra!
— Era a colera do Eterno...
Era o anjo de Gomorra!

Se dormiu, foi entre mortos,
Que, feroz, acutilou...
Respira sangue, e exterminio
E carnagem, se accordou.

Um arranco d'agonia,
Mal no céo raiava a luz,
Encantava o cavalleiro,
Era o seu signal da cruz.

Digitized by Google

II.

Cavalleiro! a tua hora
De morrer chega tambem!...
Olha... aqui... um filho chora...
Tinha um pai... mataste-o agora...
Não lhe deixaste ninguem!
Olha a espoza abandonada
N'um cadaver abraçada
N'aquelle cerro d'além!

Cavalleiro! o frio norte
Vem murchar o teu laurel!
O fatal sopro da morte
Não recua á malha forte
De teu ferrado broquel!
Por que dama batalhas-te?
Por que Deus acutilas-te?
Quem te fez assim cruel?
.....
.....

III.

Que lindas, custosas festas,
Vão lá no paço real!
Que ricas bodas são estas?
— Caza o rei de Portugal?

Digitized by Google

O rei, não, mas D. Fernando,
Seu irmão, vai-se a cazar
Das erdeiras co'a mais rica
Virgem, formosa Guiomar.

Vêde-lhe as faces tão lindas
D'innocencia e candidez!
Vêde ali se pode um crime
Revellar aquella tez!

Não lhe punge inda o remorso
No seu virgem coração;
Ella é candida florinha,
O amor é viração.

Viração, que as lindas faces
Lhe faz de pejo corar!
Inda não sabe... não sente...
Que amarguras tem o amar!...

Menestreis! tangei um hymno
A' formosa Guiomar!
D'uma corôa, vinde, ó virgens,
A formosa engrinaldar
.....
.....

Digitized by Google

IV.

A' porta do salão um vulto assoma...
Traz negra a fronte, negra a vestidura;
De sangue salpicada a ferrea cota
Estatua ensanguentada se figura!

Quem é? Ninguem o sabe! Um grito ardido...
A estatua scpulcral mostra que falla!...
O ecco, ao longe, repetiu — *perjura*—
Terror de morte de incutiu na sallà!

Vede a face da donzella
Vede-lhe a mimosa tez...
A *perjura* será ella?!
Vède aquella palidez!...

A poucos passos, magestosos, lentos,
Bem perto de Guiomar, turba d'assombro,
O vulto pára, e a viseira erguendo,
A ferrea mão lhe põe no debil hombro...

« Conheces-me, Guiomar? Não te recordas
« D'um tempo que já foi tão prazenteiro!...
« Recordas ter amado, e ter trahido
« A fé que te empenhara um cavalleiro?

Vede a face da donzella,
Vede-lhe o pranto a correr!
A *perjura* será ella?!
Que triste sorte vai ter!

Digitized by Google

« Nos combates, mulher, vendi minh'alma
« Ao Rei do inferno, ao Satanaz das iras;
« Com meus guantes esmaguei mil peitos
« Innocentes. . . sem crime. . . e tu respiras!. . .

« Não sabes a que eu vim?—Venho a pedir-te
« As crenças infantis que me mataste!. . .
« Confiei-te esta existencia. . . da-me a vida. . .
« Dá-me a esp'rança do céo, que me roubas-te!

Vede a face da donzella
Roxa, livida, mortal. . .
Advinha ella que morre. . .
Certo é. . . ninguem lhe val!

V.

Tinha o olhar do cavalleiro
Um fitar fascinador. . .
Ninguem quer fallar primeiro. . .
Temem todos seu furor!

Quem o viu no arraial
Rojar a morte, inclemente,
Teme-lhe agora o punhal
Sobre a victima pendente!

Um corpo debil cahiu
Mal do guante foi tocado. . .
Ai! Guiomar. . ! pede perdão. . .
Que o punhal scintilla irado!

Digitized by Google

Pede perdão ao trahido...
Da-lhe as crenças... da-lhe o amor...
Já no ar vibrando o golpe
O punhal lampeja.....
..... Horror!

Morreu ao dispontar-lhe o sol da vida
Em tão ledo festim!..
Foi-lhe cara a traição á fementida...
Bem triste foi seu fim!...

*

Mulher! se te contei desta perjura
As contas que ella deu...
Não temas.... vingador de mão segura,
É o remorso... que é teu!...

10 d'Abril de 1845.

Digitized by Google

A UNS ANNOS.

Não é marcada aos anjos duração:
Se na terra poisaram leve instante,
Prestai-lhe adoração.
Depressa o vôo seu vai arrogante,
Das miserias da terra triumphante
Ao seio do Senhor;
Depressa o rijo sopro da desgraça
A alma, que é do céo, cá despedaça
Nas angustias da dôr.

Estende os olhos teus por toda a face
Da terra aonde estás — mostra-me ahi
Um anjo qual tu es!..
Que riso de mulher que não matasse?

Digitized by Google

Qual é que uma traição não guarda em si?
Quem é que um tenro amor não calca aos pés?
Muitos anjos eu vi
Na cega adoração;
Mas eu, sem crer no amor, só foi em ti
Que achei um coração.

És um anjo, mulher, que a tua sina
Foi no mundo soffrer desde menina...
Escrava d'uma lei...
Não viveste p'ra ti;—douraste a vida
A quem t'a não dourou!... eras nascida
P'ra mim... que-te adorei.
Divina, sem rival, alma grandiosa,
Devêras ter calcado, de orgulhosa,
As offertas d'um rei!

Crês tu que já viveste? oh! crê que não...
De lagrimas aqui foi teu viver...
Mas choradas em vão!...
Nasceras para amar—e encontraste
A perola que a mão de Deus engaste
Nesse teu coração?
As pulsações da alma ennobrecida
Foi tarde que as senti, já quando a vida
Não pôde, para o tumulo pendida,
Pagar-te uma affeição!..

Digitized by Google

Não tens tempo marcado ... O soffrimento
Travou d'uma existencia, e só na morte
Lhe marca o nascimento.
— O morrer é nascer, se a desventura,
Qual a soffri por ti, persegue e dura
Em quanto se viveu!..
Teus annos conto-os só pelo tormento,
E, quando vem co' a morte o esquecimento,
É feliz quem morreu!

18 de Dezembro de 1849.

Digitized by Google

NÃO CHORES.

TEUS olhos beberam nos seios da aurora
As lagrimas d'anjo, que alindam teu rosto?
Caprichos de virgem... tão bella se chora...
Se não são caprichos... terás um desgosto?!

Já sentes no peito vagarte um desejo
Nas azas douradas d'um terno gemido?
Sonhaste que, a furto, n'um callido bejo,
Sorvêra teus labios fantasma atrevido?

Não sabes que os anjos, embora na terra
Descêssem seu vôo, não devem chorar?
Que o riso d'um anjo mil hymnos encerra,
Que vão entre incensos o ETERNO exaltar?

Digitized by Google

Esqueces que um throno de virgem te exalça
Assima da angustia, que a vida amargura?
Não vês ficar muda uma lingua que é falsa,
Se estuda a mentira que infama a candura?
. . . . . .

Estanca o teu pranto... e só quando a tristeza
A alma sem esp'rança d'um homem 'smagar,
Lamenta-lhe a vida, que tanto lhe pêsa...
Verás como é nobre um sentido chorar...

Lisboa — Maio — 1851.

Digitized by Google

ADEUS!

Sou um martyr do amor,
Sou um anjo soffredor
Nem um prazer me sorri!
* * *

Anjo! eu tenho um crime! —Ergui de ousado
Ao throno onde o Senhor te ha levantado,
Cá debaixo do chão, olhos mortaes!
Tão puro coração, qual te offertára,
Em peito de mortal nunca pulsára,
Nem pulsará por ti, anjo, já mais!

Eu li no teu semblante o gelo inerte
Do frio coração, que já não verte
A lagrima d'amor, que á face vem:
Eu li no teu sorriso contrafeito
Esse lento pulsar, que tem no peito,
Quem não póde no mundo amar alguem.

Digitized by Google

Julguei-te a mão de Deus sobre este abysmo,
Cavado pela mão do scepticismo,
Onde á crença d'amor expira a luz!
Julguei-te, em vulto humano, anjo celeste,
Que do seio de Deus aqui vieste
Mandar-me, em fim, pousar a minha cruz!

Bem hajas, luz do ceo, que me has fulgido,
Relampago d'amor, breve sumido
Na eterna escuridão do meu viver!
Fizes-te-me sentir que eu bem podia
Deixar a estrada acerba da agonia,
Ter um leito suave onde morrer!

Bem podéras, mulher, manter-me a vida,
Embora d'illusões, que, fementida,
Pagara-te com pranto uma traição!
Bem poderas dizer-me — *Eu posso amarte!*
Que eu não queria de ti mais que adorar-te,
Viver de ti... morrer nesta illusão!

Terrivel teu silencio... anniquilou-me
A triste convicção... precipitou-me
Deste crêr infantil onde subi!...
Sorri ao mar d'encantos que sonhava,
Pensei ver um farol, e naufragava...
A crença, a vida, a paz tudo perdi!

Abri mui fundo o peito ao sentimento...
Não posso inda votar-te ao esquecimento,

Digitized by Google

Que o golpe da paixão rasgou sem dó!...
Eu dei-te de minh'alma o que podia,
Sagrei-te a corda extrema que sentia...
Partida ella ahi está... desfeita em pó...

Da morte lenta a febre me devora!...
Cadaver tão depressa... quando a aurora
Da vida me raiou... foi triste fim!..
Ouvir-te — *nunca mais* — mas adorar-te...
Oh! sempre... até á morte!... eide obrigar-te
Nos olhos uma lagrima por mim!

27 d'Agosto de 1849.

Digitized by Google

A HARPA DO SCEPTICO. (*)

DERRADEIRA CORDA DA LYRA.

POETA! que és tu na terra
Sem o amor, sem a fé?
Luctar, descrido, na guerra
Das paixões, que gloria é?!
Vôas n'um vasto deserto,
Rasgas o peito, e, aberto,

---

[*] Esta poesia, publicada na *Semana*, foi precedida destas linhas da redacção:

« Tem-se dito que a poesia é a lingnagem da mentira. Uma definição assim paradoxal, ingrata, e repugnante é mais perdoavel do que parece.

O poeta, que passou com o dominio da mythologia, raro, ou talvez nunca, abriu em seu coração o cofre das inspirações. Parece que a sociedade repellia então a sciencia da sua individualidade, ou muito amesquinhada de vida, minguavam-lhe as inspirações vagas, intimas, e nubelosas, que são idealmente as que extasiam o homem de hoje deante do seu intimo mysterio.

A historia, despovoada de travessos *cupidos* e *pégasos* voadores, não se prestava flexivel á musa ferrenha dos tenases e pacientissimos compiladores da *fabula*. A vida, que passava debatendo-se na carnificina das conquistas, dava apenas um sobrado assumpto para o longo relatorio de um hospital de sangue, ou para os impavidos colloquios de bravos batalhadores em festim de triumfo. O poeta, que não era ahi chamado como Camões para entreter um rei gratuitamente, doia-lhe a baixa mercadoria das musas, e mormente a de um seu carissimo soneto em que elle passara diploma de *Marte* a todo e

Digitized by Google

Mostras um bom coração...
Ninguem te crê na bondade,
Ninguem te quer a amisade,
Ninguem te affaga a paixão.

Alma! esforça-te um instante,
Quebra as algemas da dôr!
Dá-me um hymno agonisante,
No teu extremo fulgor.
A este mundo, que deixas,
Não faças doridas queixas
De quem te fez succumbir...
Coragem! que a despedida
Deste tormento da vida
É um *adeus* a sorrir!

---

qualquer destribuidor de cutiladas. Vingava-se, e era muito justo.

Condemnava os ineptos heroes do seu tempo a serem repellidos, como publicanos, do templo dos musas, e virando-se para o passado, feracissimo de prodigios, cantava os olhos da deusa de Paphos, os ciumes de seu marido, os treze trabalhos de Hercules, e outras muitas pessoas reinantes naquellas mendigas e rotas imaginações!

Chamou-se então á poesia a linguagem da mentira. O poeta popular desses dias — aquelle que mais vezes consagrava ao amor as suas endeixas — era, como Bocage, mentiroso de sentimentos que não tinha. A sua lyra borrifada dos licores de um botequim, ou prostituida ao caricato sentimental de uma orgia, não vibrava em uma só corda o hymno dorido e melodioso dos grandes pensamentos apaixonados.

Foi numa época de muita rima e de nenhum engenho.

Ora, depois, veio esta geração de sentir no que é, de descrer no que foi, de aspirar ao muito que ha-de ser. O passado tem ainda uma poesia, que, ás vezes, afinada pelos dedos magicos da saudade, relucta com esse vão despreso, que por ahi doudeja em poucas cabeças. A poesia, que se alinda no seu energico ancear pelo futuro, é magestosa e altiva, porque esta sociedade enferma e pustulosa con-

Digitized by Google

A morte vejo-a de perto,
O sepulchro aberto está;
Além da campa o que é certo
Ninguem o diz, nem dirá.
É cruel esta incertesa;
Mas eu morro na firmesa
De que tudo acaba alli!...
Já puz na campa o ouvido,
E ao cadaver corrompido
Nem um gemido lhe ouvi...

Tive crenças. A desgraça
Fez-me bradar por Jesus;
Pedi-lhe um raio de graça
Pelas chagas, pela cruz!

---

serva a sua magestade no leito da dôr. Buscam remedia-la, e guarece-la, como se a linguagem apaixonada dos que a fallam não fosse impotente para sobrelevar-se ao vozear de cynicos ambiciosos. A poesia da actualidade é o poeta — é o homem e o seu desalento mortal — o insaciavel de sua alma e a queixa amarga do seu desesperar de todos os affectos. Falla-se muito em Deus — umas vezes como formula de escóla e apparato de dicção; outras, involvendo-o no anathema que o poeta solta raivoso contra tudo que lhe não mata a sêde de novas emoções.

Publicamos uma poesia deste genero, a que não poderemos chamar a linguagem da mentira. E' o extracto de um albnm não rico de erudição, mas precioso por a chronologia dolorosa dos tramites de uma vida cansada, e comprimida na escuridade do seu desalento.

Hesitamos em publicar as linhas que precedem a poesia; depois, venceu-nos a idea do quadro que o author esboçára — deixae-nos assim dizer — com o sangue da sua alma. Os bons costumes não se resentirão na sua mimosa sensibilidade; nem este escripto será alcunhado de *moral* como os romances francezes, chamados por antonomasia *humanitarios e civilisadores*» .....
.....
.....

Digitized by Google

Não lhe pedi mil venturas,
Pedi-lhe menos torturas,
E mais amor... se era pae;
Assim pede o homem perdido,
Se por Deus não é ouvido,
Perde a fé, a crença, e cahe.

Cahe no frio scepticismo,
Deixa a alma á podridão;
Vem-lhe o escarneo do cynismo
Dar uma nova feição.
Selvagem da naturesa,
Deixa-se ir na correntesa
Do appetite brutal...
Tem um riso acerbo e rude,
Ri do crime e da virtude,
Folga no bem e no mal.

Vereis que o homem descrido
Não excita a compaixão,
É que suffoca o gemido
Nas furias do coração!
Não diz a angustia que o mata
Nem a face lh'a relata,
Porque lagrimas não tem...
Atheu, nega a divindade,
Nega ao homem a amisade,
A' mulher nega-a tambem.

Digitized by Google

Este homem, se impellido
Foi do tufão da desgraça,
Cahiu por terra abatido
Na campa se despedaça;
Não teve braços d'amante
A suste-lo agonisante
No seu estrebuchar feroz;
Não teme as iras do Eterno
Despresa o mytho do inferno,
Crê no seu braço d'algoz!

Vivêra só neste mundo,
Só, na campa, vae cahir;
O seu gemer moribundo
Ninguem lh'o ha de carpir...
Nem um Christo allumiado
Pela tocha do finado
Terá no leito a morrer!...
Nas visões do paroxismo
Vê do *nada* o torvo abysmo
Sorver-lhe o impio viver!

Um cadaver insepulto
Ahi jaz do que morreu!
Deixae-o! — é a Deus um insulto
Dar sepultura ao atheu!
Deixae-o! — Ninguem o velle...

Digitized by Google

Que os corvos pairem sobre elle
Em voraz sofreguidão!
Não dobre funebre um sino!
Demonios! rugi-lhe um hymno
Ao morto sem contrição!

.....
.....

1.° de Setembro de 1849.

Digitized by Google

A CLARA BELLONI

(Fallecida na Corunha em 20 *de Novembro de* 1849*)*

Vi pulsar no ardor da gloria
Da cantôra o coração;
É que as lagrimas desciam
Nas faces da multidão.
Vinha-lhe á fronte mimosa
Essa dôr mysteriosa
Que em seus cantos revellou...
Fôra a desgraça imprevista
Que, de nobre, a fez artista
Pelo pão que mendigou!

Quem lhe ouviu seus hymnos tristes
Que não visse uma infeliz?
Quem não viu nas faces d'ella

Digitized by Google

O chorar de *Beatriz!* . . . (*)
Suffocára uma agonia,
E a ficção lhe consentia
Livre, no palco, chorar . .
Só ahi gemeu, partido,
Em cada nota, um gemido,
Seu peito no vivo arfar!

Era um anjo, quando as maguas
Da sua vida contou...
Ouvil-a fallar da infancia
Que tão leda lhe passou...
Vêl-a chorar a mãi cara,
E seu pai que tanto amára
E suas crenças d'então...
Era um quadro tão pungente,
Que no peito mais dormente
Despertava a compaixão...

E!, depois... vê-la humilhada
Receber affrontas vis,
Como as recebe a virtude
Se é o patrimonio da actriz...
Era triste inda mais vêl-a
A chorar-se, não por ella,
Que foi martyr com vallor...

---

[*] Opera em que *Bellini* fôra freneticamente applaudida.

Digitized by Google

E' que em seu regaço tinha
Mãi, e espozo, que mantinha
Do seu pão... do seu suor...

Desceu do leito onde a morte
Pelas faces lhe rossou (*)
No proscenio a voz d'um anjo
Dos febris labios soltou...
Hymno foi d'acerbo trance
Qual da luz extremo lance
No derradeiro clarão...
No pallor da face linda
Vi voar-lhe um riso ainda
De sentida gratidão.

Gratidão a quem lhe dera
Um soccorro d'infeliz;
Gratidão a quem de apupos
Não coroou a nobre actriz....
Nobre de louros honrosos
Quaes os tem os desditosos
Que soffrem sem maldizer;
Nobre e grande dessa palma
Que ante Deus recebe a alma
Resignada em padecer!

---

[*] A cantora ergueu-se do leito da dôr para cantar no seu beneficio.

Digitized by Google

Partida a roza na haste
Rijo norte lhe soprou;
Quasi pendida ao sepulcro,
Grato aroma inda exalou...
— Foi esse *adeus* penetrante, (*)
Que, de longe, e agonisante,
Manda ao Porto onde viveu!
Foi nesse instante anciado,
Que, sorrindo ao seu passado,
Voou ao throno do ceo!

10 de Dezembro de 1849.

---

[*] Belloni, pouco antes do seu ultimo dia, escreveu uma lagrimosa carta á exm.ª condessa de Terena, onde vi os signaes das lagrimas, que acompanhavam aquelle afflictivo *adeus* a todas as pessoas que a protegeram no Porto.

Digitized by Google

VERDADES

(IMPRESSÕES D'UM BAILE).

Alors j' ai bien compris par quel divin mystere
Un seul cœur encarnait tous les maux de la terre.

De Lamartine.

I.

Anjo, donzella, és divina
Do diadema virginal;
Tens na face purpurina
Um córar tão natural!...

Candida pomba, não creias
Nas caricias da paixão:
Peito de virgem, que anceias,
Pelo amor, teme a traição...

*

Digitized by Google

Nesse teu berço infantil
É tão puró o teu sonhar!...
Tão singello o rir subtil
Que em teus labios vem brincar!...

Se mão d'homem não se atreve,
Nesse teu sonho do céo,
Ir se quer muito ao de leve
Da innocencia erguer-te o véo...

Infeliz! teu mago sonho
É de curta duração..
Ha de o instincto lá risonho
Despertar-te o coração...

.....
.....

II.

Eu vi gemer, sosinha, em desabrigo,
No ermo da saudade, uma innocente;
Innocente, que crêra amor de homem,
— Que ardêra nà paixão — que amara quanto
Em peito virginal póde a ternura.

Quem viu carpir-se a rôla em soledade,
Perdida na soidão d'alpestres cerros,
A quem do caro ninho os tenros filhos
A impia mão do homem desnudára...

Digitized by Google

Quem viu mãi carinhosa, á luz funerea
Da tocha sepulchral, buscar no esquife
As gélidas feições d'um filho d'alma...
Beijar-lhe os labios roxos, impassiveis
Ao bejo maternal, convulso, ardente...

Quem viu rojar no chão do cemiterio
A face da mulher que pede á campa,
No delirio da dôr, do morto amante
Ao menos um gemido... uma saudade?...

Quem viu, que não soffreu?!
A dôr de um anjo,
Que eu vi em pranto vão banhar-lhe as faces,
Pungia como a dôr da mãi afflicta,
Vibrava as cordas intimas do seio
Como o beijo da amante em muda campa,
Qual da rôla o gemer, orfã, sosinha...

.....

.....

III.

Era n'um baile. Ondulava
D'ouro e sedas o salão:
O ar, que alli se aspirava,
Escaldava o coração.
Tinha fogo o olhar da virgem,
Fogo d'amor, de vertigem,

Digitized by Google

Qual o que inflamma o pudor;
Tinha a mulher, anjo, ou fada,
Uma existencia encantada,
Um condão fascinador!

Que linda noute, que vida,
No salão se não viveu!
Que existencia tão florida
Nessa quadra rescendeu!
Que sorrisos tão mimosos
Se trocaram carinhosos
Nesse angelico festim!..
Um galanteio... era um hymno,
Se despontava divino
Nos labios d'um cherubim.

Era um folgar incessante,
Era um delirio febril!
Cada qual cinge da amante
Breve cintura gentil...
Vôa com ella embebido
No lindo collo pendido,
No alvo peito ao desdem...
Sente arfar tão junto d'ella
Um coração, que revella
Ventura... e magoas?— tambem.

E, depois, lá murmuravam
Brandas, dôces expressões;

Digitized by Google

Uma só palavra davam,
E difiniam paixões...
Uma só, um só sorriso,
Um olhar terno, indeciso,
Uma supplica... talvez!
E, no fim do baile, a pena...
A saudade... ai! tão pequena
Foi a noute desta vez!...

.....
.....

IV.

O genio do martyrio, entre os folgares,
Erguera o throno seu de ferro e lagrimas
N'um pobre coração, em debil peito
D'uma fraca mulher. Equilibrada
A dôr de uma infeliz era que farte
Ao intenso prazer das ledas turbas!

Chorava — e se dos labios desprendia
Um forçado sorrir — quanta amargura
Não tinha essa expressão mal contrafeita!
Em vão tentavas, anjo do martyrio,
Um gemido prender, sevar d'angustias,
Na taça do teu fel, intimo n'alma,
O grito da mulher, que foi trahida
Mal de virgem depõe o diadema!
— Que a corôa virginal, renunciada

Digitized by Google

Aos pés do que a pisou — aos pés do homem
Ovante da traição — quem póde ergue-la
Na fronte da mulher? Ninguem! — que as rosas
Dispersas ahi estão, e descoradas
Na face, as do pudor, fallam d'um crime!

E esse crime qual é? . . . . . .
— Maldito o mundo,
Que o instinto santifica dos prazeres;
Que alastra de florões o seu caminho,
E lá, quando o pudor succumbe ao instincto,
Crimina-lhe os tremendos sacrificios
E, rasgando-lhe o véo, mostra-lhe a nodoa!
. . . . . .

V.

Tu soffrias, mulher, e eu que era o impio,
O sceptico do amor,
Fui eu talvez o só, que vi descer-te
A lagrima da dôr!

Ha lagrimas de sangue; essas á face
Não vem do coração...
Chorei-as eu por ti, anjo cahido,
Por ti, que por mim... não!

Lembra-me um tempo, e esse é um martyrio
Irmão do teu soffrer!
Amei... — se não trahido — exhausta a crença,
Que mais tenho a perder?

Digitized by Google

Um cadaver, que vai passando mudo,
Sem uma aspiração!
A vergontea myrrada, inutil, secca,
Pendida para o chão!

VI.

.....

E as turbas, que folgam, se enlaçam na sala,
Expandem-se alegres...que vida ahi vai!
Ninguem vê a martyr... sosinha, não falla,
Ninguem vê da virgem a corôa que cahe!

As vozes celestes, que afina a ternura,
Accendem no peito fremente paixão;
O riso dos anjos promette ventura,
Dos impios o riso sorri á traição.

Retinem dos copos os sons excitantes,
Saudes occultas lá fazem, talvez!
Nas faces ressaltam desejos d'amantes,
Que a facil promessa d'um anjo lhes fez.

E as turbas, que folgam, se enlaçam na sala,
Expandem-se alegres, que vida ahi vai!
Ninguem vê a martyr... sosinha, não falla,
Ninguem vê da virgem a corôa que cahe!

Digitized by Google

VII.

Amara-te, inda assim, flôr desfolhada,
Entre espinhos de dôr, calcada aos pés!
Amara-te... se aqui, n'alma cansada,
Te abrigasses qual és!

Pedir a labios mortos um sorriso,
É ao cynico dizer — *vive do amor!*
Que importa o anjo vir do paraiso
Ama-lo com fervor?

Que importa á rosa murcha e descahida
Da tige onde floriu já tão louçã,
Que um beijo matinal lh'imprima a vida
Na brisa da manhã?

Que importa o pranto amargo em vão chorado
Na lousa sepulchral que é muda e fria?
Que filho viu seu pae erguer-se ao brado
Da intima agonia?

.....

.....

Setembro de 1850 —

Digitized by Google

AMAI A DEUS.

I.

Tive um sonho, ha muitos annos,
E muitos annos sonhei,
Creação d'um genio ardente,
Que perdi quando... não sei.
Tive aqui n'alma escondida
Essa imagem toda a vida,
Essa luz desconhecida,
Esse segredo, só meu!
Bem segredo! eu não podia
Dizer quanto cá sentia
De perfume, e de magia,
De paixão, de... que sei eu!

Digitized by Google

Mal entrei no mundo, e os homens
No meu sonho consultei,
Riram-me a crença, e de certo
Tinham rasão... que hoje o sei!...
Inda assim — antes quizera
Viver da minha chymera,
Pois mata-la a quem espera
Bem cruel devéras é!
Se na fé resta um remanço,
Em que a alma acha descanço,
Onde está o bem que alcanço
Em dizer — *mente-te a fé!?*

Não descri de todo ainda,
Porque em fim sempre cuidei,
Que do ceo descesse um facho
Dar-me luz ao que sonhei!
Se no espaço errante estrella
Vi fulgir de luz tão bella,
Innocente... eu cria nella
O meu astro salvador!
Não pensei eu que devia
Essa estrella, que descia,
Vir mostrar-me á terra um dia
A mulher do meu amor?

Comecei de achar no mundo
Um desconsolo sem fim;

Digitized by Google

Frio e triste desalento
Tanto nelle como em mim!...
Olhei tudo com tristesa,
Vi tão pobre a naturesa,
E, inda assim, nessa pobresa,
Orgulhosa, louca, e vã!...
Para mim — alma descrida,
Sei que, em fim, não foi nascida,
Como todos tem na vida
Uma estrella da manhã!

Nem me dá vontade agora
De pensar no que senti:
Posso eu ter saudades! nunca...
Nada amei, nada perdi...
Nada amei! — mas esta chamma
Que nos seios d'alma inflamma
Ancia ardente d'homem que ama
Não aspira ao *summo bem!*
Este fogo, por ventura,
Esta aspiração tão pura,
Vai gelar-se á sepultura
Com o cadaver tambem?

II.

Deus! Minha alma ahi tens amplo horrisonte!

Digitized by Google

Revôa na amplidão, aguia perdida,
Entre as urzes e o pó! Ergue-te, aspira,
Nesse ambiente de luz, o amor e a crença,
A crença e o infinito, o amor e a esp'rança!

Humilde entre os reptis, roja-se o homem
Nos espinhos da terra, e dilacera
Um grande coração, que apaixonado,
Anhelante d'amor, não acha vida!
Na estreitesa da terra as grandes almas,
Sedentas de poesia, em vão se acurvam
A' fonte do prazer. Ebrias de goso,
Que importa o seu gosar, se elle é d'um dia!?
As delicias ephemeras da vida
Quem soffrego as bebeu por taça d'oiro,
No fundo as verterá da taça exhausta
Em lagrimas depois!.....
Triste a existencia,
Que o homem antevê, quando lhe cançam
Os olhos, nos mesquinhos horisontes
Do mundo, a mendigar emoções novas!
O impio não as tem! — véo de mysterios
Para elle não ha. Quantos prodigios,
No mystico perfume do sublime,
Lhe borbulham dos pés — quantos scintillam
D' entre os fogos do céo — quantos ressaltam
Das aguas na amplidão... quantos segredos

Digitized by Google

Desceram sobre o seio á naturesa
Da mente do Senhor ... — que são p'ra o verme
Orgulhoso de si, porque na fronte
Do rei da créação lhe fulge a c'rôa!?

E o rei da creação calca o diadema
Na rebeldia atroz. Legisla á alma;
Vae dentro resequir-lhe a flôr da crença,
E o balsamo da fé. Domina, e educa
Innocentes no berço; impio, despoja-os
Das candidas roupagens da puresa,
Essas que, em tempos de virtude, o homem
Pousava no cypreste, a cuja sombra
Suas cinzas carpidas descançavam.

Tuas faces, mancebo, amarellecem,
Retrahidas de dôr e desalento
Mal entras a viver! Suão de morte
Myrrou teu coração! Envelheceste
Na lucta do remorso, ou desesperas
De n'alma o suffocar? não tem a terra
Uma orgia p'ra ti? Não tem a orgia
Deleites, distrações? Não póde um crime
Outro crime esquecer? Não póde o tumulo,
Com seus braços de marmore chumbados,
Cingir bem ao seu *nada* um suicida?

Ouvide-o! Não lhe luz restea d'esp'rança!
É alma torva a transsudar o amargo
Profundissimo fel da impiedade:

Digitized by Google

III.

« Que farei desta existencia
« Que me resta inda viver?
« Que é do anjo d'innocencia
« A dourar-me inda um prazer?
« Eu rasguei quantos mysterios
« Tinha a naturesa em si!
« Quanto em si tinha d'ameno
« Este mundo tão pequeno,
« Fiz curvar ao meu aceno
« E no goso esmoreci.
« Para mim, alma cansada,
« Nada tens, oh terra, em ti;
« Que eu rasguei quantos mysterios
« Tinha a naturesa em si.

« Busco distracções na guerra
« Das mais ousadas paixões;
« Mesmo ahi acho na terra
« Ermo o crime d'illusões...
« Na aridez deste deserto
« Não acho fonte d'amor!
« A fronte curvo abrasada
« Sobre a rocha calcinada,
« E da sede angustiada
« Não mitigo o vivo ardor:

Digitized by Google

« Gota d'agua não deparo
« Orvalhada n'uma flôr!
« Na aridez deste deserto
« Não acho fonte d'amor!

« Não tem o mundo delicias
« Que eu aqui não pise aos pés;
« A mulher não tem caricias...
« Illusão! tu nada és.
« A cabeça arfa-me ardente;
« Mas é morto o coração!
« O cynismo! este abhorrido
« Gelo d'alma convertido
« N'um sorriso desabrido,
« É minha eterna feição!
« Uma lagrima não tenho
« De sentida compaixão!
« A cabeça arfa-me ardente,
« Mas é morto o coração! »

IV.

A impiedade fallou! Dôr profundissima
Vibrára as cordas tetricas, sinistras
Da harpa do atheu!
Na acerba desesp'rança inda uma crença
No canto lhe transluz — a morte, e o *nada*,
O pó do mausoléu!

Digitized by Google

Oh Christo! a ti meus hymnos lacrimosos
De viva contrição, pois que na terra
Cantei-os, sem valor!
Aos pés do teu altar pobre alaúde,
Que a terra motejou, mas inda puro,
Eu trago aqui, Senhor!

Lisboa — 1850 — Abril.

Digitized by Google

FRAGMENTOS DO LIVRO DE

***

. . . . . .
. . . . . .

VIII.

Foi grande esta paixão! — grande, insondavel
Como os antros do mar — como os abysmos
Na alma da mulher! . . . Amei p'ra sempre!

Tinha uma vida dormente,
Gelada em frio torpor . . .
Que mal te fez esta vida
Na solidão consumida,
Algemada á sua dôr?

*

Digitized by Google

Quem te trouxe ao meu desterro,
Que vieste em mim buscar?
Quizeste vêr quasi morto
Nos trances do desconforto
Um coração expirar?

Sondaste o peito que arfava
As pulsações do morrer;
Tua mão aqui pousava,
E a morte a respeitava
Porque eu senti-me viver.

Era forçoso adorar-te...
Muito da alma te quiz!...
Uma cegueira.... um delirio...
Amor... não!... foi um martyrio...
Foi quanto ha d'infeliz!

Uma lagrima não tinhas
Quando o que fui te contei...
E, com tudo... todo o sangue
Deste coração exangue
No sudario te mostrei!...

Foi grande esta paixão!... grande, insondavel
Como os antros do mar—como os abysmos
Da alma da mulher!... Amei p'ra sempre!

Digitized by Google

IX.

Sobre a livida fronte dess'homem,
Que na terra uma esp'rança não tem,
Cingireis um diadema radiante,
Mas gravar-lhe uma crença... ninguem!

Dae-lhe um throno, e d'escravos e flores
Alastrae-lhe o caminho até lá...
Que essa fronte, baixada p'ra sempre,
Sobre o throno jámais s'erguerá!

Esse brilho, que ostenta na face
Quem de trevas a alma tem só,
É qual brilho sinistro dos tumulos
Que da lampada expira no pó.

Quem percebe o sorrir da desgraça
Vae sonda-lo no abysmo da dôr;
Ha sorrisos que escaldam nos labios
Qual na ancia da febre o estertor!...

Eu senti vir um sopro de morte
Quando a vida aspirava do céo;
A mortalha desceu-me na fronte,
Quando esp'rava enlaçar-lhe um troféo.

Eras tu... sombra vã!... que és agora?
D'entre campas te vejo acenar...
Vaes, rainha da morte, entre tumulos
Sobre ossadas um throno fundar?

Digitized by Google

Inda bem!.. errarei pelas vallas...
E p'ra verte a mortalha erguerei...
Se na terra fui 'scravo de vivos
Entre o pó d'esqueletos sou rei!

.....
.....

X.

Anjo de santa magia,
Filha de Deus, ó poesia,
Que nos trances da agonia
Meu consolo foste já...
Libra as tuas azas d'ouro,
Sóbe ao céo, que o teu thesouro
Não é aqui... é nesse córo
Que cantam anjos de lá.

Se inda em mim resta escondida
Uma crença indifinida,
Que s'inspira d'outra vida,
Onde não mata a paixão...
O' meu anjo!... este sagrado...
Este espolio não manchado,
Salva, salva ao naufragado
No seu mar de corrupção!

.....
....

Digitized by Google

Selagrimas tivesses... chorarias...
Que acerbo o *livro* é!...
É um canto de morto em seu sudario
Na campa erguido em pé!

É um grito, mulher, do que agonisa
Varado por punhal...
Depois... a morte vem... cerram-se os labios...
Silencio sepulchral!...

Porto — Outubro de 1849 —

Digitized by Google

UM ANJO.

UE importa chamar um filho
Que morto no berço está?
Quem uzurpa ao céo o brilho
D'estrella que era de lá!?

. . . . . .
. . . . . .

« Ah! tu dormes, meu filho, descanças?...
« Um momento dos trances da dôr?
« Já não gemes? não choras, meu filho?...
« Ah! tu dormes?!... Bem-hajas, SENHOR!

« Sim... bem-hajas, meu DEUS, que eu só tinha
« Neste mundo o meu filho... este só!...
« Já pensei de o perder... mas o pranto,
« Que eu dest'alma chorei, fez-vos dó!

Digitized by Google

« O meu filho está vivo!... Na febre
« Não lhe sinto as entranhas a arder!...
« Tem tão frias as mãos!... quem me dera
« A meus peitos já vêr-lh'as erguer!

« Tão serenos os labios... e as faces
« Tão coadas que estão!... este alvor
« De saude é signal, mas eu quero
« Nestes labios um riso d'amor.

« Acordar-te... quizera... não posso...
« Mas beijar-te... aquecer-te esta mão
« Com meus beijos frementes de fogo...
« E de vida, e d'amor, e paixão...

« E estas faces tão lindas... banhar-t'as
« Do meu pranto que vérte o prazer...
« Vêr-te um raio de luz nestes olhos,
« Que despertos cuidei mais não vêr...

« Dorme ainda!... Que somno profundo!...
« Dos que morrem o somno é assim!...
« Não despertas, meu filho!? estes beijos
« Não os sentes gravados por mim?!

« Santa Virgem! meu filho não falla...
« Não se move... meu Deus!... que será?
« Um gemido, se quer, um gemido
« Este anginho do céo não me dá?!...

Digitized by Google

« Que desgraça!... que medo! ... piedade...
« Compaixão... que sou mãe... oh SENHOR!
« O meu filho não sente, não falla,
« E não chora... está ... morto!... que horror!»

.....

.....

Que importa chamar um filho,
Que morto no berço está?
Quem uzurpa ao céo o brilho
D'estrella que era de lá?

10 de Maio de 1850.

Digitized by Google

O TEMPLO.

E' mentira a sociedade,
Roja grilhoens a verdade
Fez-se a vida material;
O homem, n'alma corrupto,
Ergue em altar dissoluto
Por Deus o genio do mal.

J. DE LEMOS. [*Consummatum est*]

A casa do SENHOR já ouvi canticos
De mystica toada,
Que em ondas de harmonia melancolica
Alagavam a nave, hoje deserta!
Que é desses, que eu ouvi, saudosos hymnos
De Sancta inspiração?
Esses, que eu já senti n'alma infiltrar-me,
Em extasis do céo, fervidas crenças
Na intima oração?

—

O orgão tinha um som de magestade
Que não tem este d hoje!

Digitized by Google

Dorido em seu carpir, vinha cá dentro
Brandamente vazar nos seios d'alma
Um dó e uma paixão... não sei que maguas
De viva e intensa fé!...
Não sei que pungir vinha alli do canto,
Que esp'rança, que consolo ao homem era
Chorar... que hoje não é!

—

Depois, do monge a voz triste e soturna
Não sei que tinha em si!
Calava o coração, vibrando as cordas
Da harpa de David.
Cadente a modular pungidos carmes
Do côro, aos pés do altar,
A alma ia a poz ella aos céos erguida
Em perfumes do incenso esvaecida
Os archanjos saudar.

—

Do crente os labios tremulos, convulsos,
Osculavam o chão:
Vertiam sobre o tumulo do christo
A dôr do coração;
A lagrima descia á face do homem
Não timida da luz;
Nem tinha a sociedade uma hyronia,
Que dar ao infeliz porque, gemendo,
Se prostra aos pés da cruz.

Digitized by Google

Se a taça do martyrio era amargosa
Ao filho da desgraça, em desamparo,
Podiam tristes labios rir da morte
Crendo n'outro viver.
Disseram hoje ao homem — que uma vida,
Nas trevas do soffrer, não tinha um facho:
Disseram-lhe que a esp'rança era uma crença
Exhausta no morrer.

No chão do teu altar não vão, oh Christo,
Hoje as lagrimas da intima amargura
Pedir uma existencia além da campa
Suave ao padecente!

O homem desgraçado hoje é blasfemo,
Concentra-se em rancor, nega o suave
Recurso do chorar, e o extremo solta
Arranco, impenitente!

*

N'aquella pedra polida
Onde se ergue aquelle altar,
Curvei-me, fronte pendida,
De mãos postas a resar.
Deste pulpito deserto,
De negros crepes coberto,
Ouvi fallar de Jezus:
Era um monge que soffria
Como em horto d'agonia
Expondo o transe da cruz.

Digitized by Google

Desta egreja a amplidão
Abrigava os filhos seus—
Vinham ouvir da paixão
Mil tormentos n'um só Deus.
Na fronte vinha-lhe escripta
Viva dôr d'alma contricta
Penitente ante o SENHOR.
Nas faces todas brilhava
Pranto e dó que supplicava
Compaixão ao Redemptor

Já vinte annos são passados,
Este é o Templo d'então...
Não vejo homem prostrados,
Nem murmura a oração!
Mudo o côro... o orgão mudo
Mudo o pulpito, em tudo
A mudez do que morreu!...
Mas além vê-se o sudario
Onde o martyr do calvario
Mostra o sangue que verteu.

Vejo sorrir a impiedade
Em seus ministros... que dôr! ..
Tripudia a mocidade
No sepulcro do Senhor...
Impia no mundo, no Templo
Querem ser do povo o exemplo,
Querem dizer-lhe—*sorri!*

Digitized by Google

Sorri da cruz que se arvora
Sorri d'aquelle que chora ...

. . . . . .

Impio! tu... chora para ti!

*

Meu Deus! a omnipotencia do teu braço
Podera converter no pó do abysmo
As impias gerações. O barro fragil
Qui ahi passa na terra, erguendo a fronte,
Tu preferes, Senhor, pulverizal-o
Sob o pêso da infamia, que elle ostenta!...

Aqui, no Portugal, christão d'outr'ora,
Da vingança do céo é amplo o quadro.
Os cynicos descreem, riem, calcam
Do templo na soidão já murchas flores
Que a mão do patriotismo desfolhara
No tumulo de heróes!— flores honrosas,
Não dessas que engrinaldam torpes frontes,
Regadas pelas lagrimas do povo,
Colhidas pela mão do crime impune.

Lisboa — 27 de Março de 1850 —

Digitized by Google

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS.

I.

Não ergas, ó Sião, fronte orgulhosa
Entre os astros do céo!
Viuva abandonada, esconde a face
No penitente veo!

Emporio das naçôes, verga-te humilde
Na tua escravidão!
Não tens um só amigo entre os teus filhos,
Despresada Sião!

Choraste, noite e dia, amargo pranto
Ninguem te consolou...
Que es tu, Jeruzalem? face cuspida
Por quem já t'a beijou!

Digitized by Google

Não podeste conter teus impios filhos
Nas entranhas de fel;
Perigrinos, lá vão pedir algemas
Ao estrangeiro cruel!

Errantes, pedem patria ao universo,
Na sua proscripção;
O mundo os repelliu, porque malditos
Na terra os judeus são!

Que és tu, Jeruzalem? — que é dos teus hymnos
Sagrados ao Senhor?
Porque gemem assim teus sacerdotes
Desesp'rados na dôr?

Que é do Templo, Sião, onde iam virgens
Prostrar-se em oração?
— O templo é arrasado, e as virgens... essas
Hoje virgens não são!

Lá vejo o povo teu vil captiveiro
D'inimigos soffrer!...
Calcado na villesa do dominio
Tem só livre o gemer!

Que es tu, Jeruzalem? — foste opulenta
Escrava... nada tens!
Vergaram-te no chão teus inimigos,
Cuspiram-te desdens.

Digitized by Google

Na balança de Deus foram teus crimes
Pesados, sem perdão!...
Jeruzalem! na face eis-te um ferrete
D'eterna maldição!

II.

A filha ingrata, escolhida,
Entre todas, do Senhor,
Era formosa e opulenta,
Era um divino primor!
Deus lh'os dera, e desses tantos
Que ella teve astros d'encantos,
Já não resta escassa luz!
De seu peito a ingrata lança
Todo o amor do que descansa
A face morta na cruz!

E, depois, abandonada,
As torpezas confessou;
Não lhe valleram remorsos
Que tão pungidos chorou!
Tinha as faces descarnadas
De rojal-as, maceradas,
Gotejando um sangue vão!
Que importava?— a grande affronta,
Feita a Deus, já não encontra
No calvario a compaixão.

Digitized by Google

Desvalida e vagabunda,
Orfan, na terra, a chorar,
Deparou despreso, insultos,
Se pediu onde pousar!
Os que d'antes lhe exalçavam
Seu donaire, a motejavam
Do sarcasmo aviltador;
— Que o seu crime abominando
Era um peccado nefando,
Era um perjurio ao Senhor!

Descalça vai sobre sarças
Ninguem lhe cobre a nudez;
Cahe no triste desalento,
Recorda o crime que fez...
Ninguem diz á desgraçada:
« Ergue a face, oh malfadada!
« Olha o ceo — espera o perdão! »
Todos vão no seu caminho,
Rindo-lhe o seu desalinho,
Rindo-lhe a sua afflicção!

III.

O dorido tinir dessas algemas,
Que roja a criminosa em chão d'espinhos,
Ouvide-o, oh Senhor! — Ouvide a triste
A deserta Sião! Deixai que o estygma

Digitized by Google

Da face possam lagrimas de sangue
Lavar-lh'o para sempre! Oh Christo! ouvide-a:

*

« Sou culpada, Senhor! — mas eu não posso
Curvar-me ao teu altar!
Os impios derrubaram-lhe as columnas...
Não tenho onde chorar.

Eu estou pobre, Senhor! — mendigo em lagrimas
Um bocado de pão!
Oh! vêde a que miseria eu hei descido...
Que immensa punição!

Meus ossos trespassados são de fogo,
No brazido da dôr;
Que infindo mar d'angustia e de tormentos
Vós me destes, Senhor!

A serpente do crime ha-se enroscado
Toda em volta de mim!
E' muito, oh Redemptor, e já não posso
Soffrer martyrio assim! »

Lisboa — 27 de Março de 1850. —

Digitized by Google

No album da exm.ª snr. D. Rita de Moura Miranda.

O canto do suicida.

Anjo, silencio!... não chores...
Amei-te muito... que importa?
Vem beijar-me a face morta,
Ouvirás sons do teu nome.

Quando a luz da vida escassa
Nestes olhos já não brilhe,
Não chores, anjo, não chores...
Foi um destino... cedi-lhe.

Escuta o hymno, que extremo
Sinto aqui no coração...
Ouves gemer a paixão
Neste adeus ao mundo ingrato?

Digitized by Google

Lucto... mal sabes que lucta
Sinto aqui dentro ferver...
Nesta idade em que me mato
Oh! tanto custa morrer!

Sempre a desgraça!... delicias
Nem uma tive em partilha...
Vi-te, tarde, oh casta filha
De meus sonhos delirantes...

Olha... — eu devo ter dos homens
Uma lousa... pobre sim...
Se m'a derem... vae de lucto
Uma vez chorar por mim.

Uma só... não te crimino,
Se depois o esquecimento
For no pobre monumento
O epitafio que tive...

Mulher, amada na morte,
Levo saudades de ti...
Extrema crença d'um vivo
Eras tu... não te perdi!...

Se tivesse est'alma um vôo,
Fôras comigo... irias
Deste eculeo d'agonias
Onde vivi, e viveste!...

Digitized by Google

Estas coroas borrifadas
Do sangue do coração,
Despe-as a fronte pendida . . .
Deu-m'as o mundo... ahi estão!

Venha o mundo, e deste sangue
Que inunda a face ao precito. . .
Escreva, cuspa na campa,
Esta legenda — É MALDITO!

Anjo! silencio! não chores
Amei-te muito... que importa?
Vem beijar-me a face morta,
Ouvirás sons do teu nome!

15 de Janeiro de 1851.

Digitized by Google

A' Illm.ª e Exm.ª Snr.ª

D. ANNA DELFINA D'ANDRADE.

ABBADESSA RE-ELEITA

— Improviso —

No Mosteiro de S. Bento da Ave Maria da Cidade do Porto, em Outubro de 1850.

Entre os vates, que vieram,
E lindos versos fizeram,
Sou humilde trovador.
Eu fiz canções de tristeza,
Cedi á dôr que me pêza,
Fallando em mágoas d'amor

Digitized by Google

Raras vezes a alegria
Me sorriu na poezia
Sempre hervada d'agro fel....
Raras vezes, que a desdita,
Se ledos versos excita,
São d'um sorriso cruel.

Mas não venho aqui contar-vos
Scenas, que não podem dar-vos
Um momento de prazer:
Venho buscar um ensejo
De contar-vos um desejo,
Que no peito sinto arder.

É um desejo sagrado,
Dito em verso não dourado,
Mas singello e franco sim:
É uma santa vontade,
Que não perde a magestade
Por ser sentida por mim.

Eu me prostro á clauzura,
Onde vive a formosura
Em seu candor virginal:
Sinto amor, mas não da terra;
É sentimento que encerra
Vago celeste ideal.

Digitized by Google

Não tem voz a natureza,
Quando este amor de pureza
E todo filho do céo.
É paixão que não insulta
O rubor na face occulta
Debaixo do casto véo...

Escutai a voz profana
Do que ouza ergue-la ufana
A's Espozas do Senhor.
Quereis saber que deseja
Essa alma, que rasteja
Entre os espinhos da dôr?

É que a vossa idolatrada,
Angusta, e nobre Prelada,
Tantos annos viva ahi,
Quantos anjos hão-de um dia,
Com seus hymnos de alegria,
Voar com ella d'aqui!

Digitized by Google

VIVIA!...

UANDO li, anjo, os teus versos
Tive orgulho e fui feliz!
Senti muito... quiz contart'o,
Mas não posso revelar-t'o
Como o coração m'o diz—

Tens talento—sentes muito,
Comprehendes quanto queres...
És destincta quando fallas,
Quando sentes, quando callas,
Quando és anjo entre mulheres—

Digitized by Google

Tens desprezo pelo mundo?...
Ah! não tens... não podes ter...
Corações taes como o teu,
Podem, sim, prender-se ao ceo,
Mas tem fogo até morrer.

Existencias ha na terra,

Que ninguem comprehendeu;
Ha mysterios escondidos,
Ha segredos não sabidos,
Oh!... se os ha... que os sinto eu...

Adevinhas, por ventura,
Se no mundo existe alguem,
Que não falla, e só comprime
A paixão, que nem exprime
Pelo amor que em si contem—?

Adevinhas se é poeta
Que te adora e não te vê...
Que se impõe cruel preceito
De sentir morrer-lhe o peito,
Antes que um suspiro dê?

Adevinhas se nos sonhos
Desse escravo, que te adora,
Vem fulgir-lhe de passagem,
O clarão da tua imagem,
Como á flor lhe fulge a aurora?

Digitized by Google

Tu sorris!... Eu adevinho
Que sorris dos pobres versos,
Onde não achas bellesa,
Mas só ves de quem te presa
Vagos sons d'alma dispersos.

Tu sorris!... talvez sentisses
Uma outra inspiração,
Se pensasses que ha mysterios,
Que não dizem cemiterios!,
Nem mudas campas no chão.

Chorarás?... talvez!... quem sabe
O que tu sentes por mim?
Compaixão, ou desconceito,
Indifferença, ou um despeito,
Tudo sentes, não é assim?

Podes ser gêlo na alma,
Podes não ter coração;
Mas privar que eu por ti sinta,
Affeição, já mais extincta,
Tu... poder... não podes, não!...

Vi-te!... e a cauza?... ha um destino,
Em que eu creio, e não m'o diz!...
A razão por que te amei,
Essa, sim, sou eu que a sei...
— É por ser muito infeliz!—

Digitized by Google

Ha paixões anjo do céo,
Que, embaladas na ventura,
Nem o mundo as envenena,
Nem a crytica as condemna,
Nem lhes cava a sepultura...

Mas eu, filho da desgraça,
Que amo só para soffrer,
Já prevejo o meu martyrio...
— Muito amor, muito delirio,
Para em fim tudo perder!...

Não irei a' paz dos anjos
Em teu seio perturbar....
Dorme o teu somno de virgem,
Que eu, no ardor desta vertigem,
Não te irei lá despertar!...

Digitized by Google

O ORPHÃO.

Vêde-lhe a face livida da fome,
E os olhos turvos d'um chorar inutil!...
D'entre andrajos fétidos e palha,
Ergueu, ha pouco, os franzininhos membros,
E ei-lo, vindo a vós, medroso e timido
Uma esmola pedir por caridade.

Ao orphão desvalido que humedece
De lagrimas o pão que lh'esmolardes
As costas não volteis.
Arrastado no mundo sobre espinhos,
Não vos pede caricias.., só implora
Que a fome lhe mateis.

Digitized by Google

Quando o frio da noite lhe apavora
Das palpebras o somno, que é refugio,
Derradeiro, talvez, ao desgraçado...
O orphão, que não tem porvir ou esp'rança,
Transporta-se ao que foi, e a vaga imagem
Da mãe, que lhe sorri, dá-lhe um conforto.

Ledas recordações, se póde tê-las
Um filho que perdeu meigos afagos...
É o orphão feliz ...
Recorda-se que uns labios lhe tocaram
Seus labios, não tingidos pela fome,
Nas faxas infantis.

Ledas consolações em largas noites
São essas, que lhe presta a fantazia,
Liberta das algemas da miseria.
O orphão embalado por chimeras
Da mente a recordar gosos perdidos,
Dorme, e sonha depois mentidos sonhos.

No céo desponta a luz... Desperta o triste,
Olha em torno de si... não vê um escaço
Bocadinho de pão!..
O filho da amargura, as mãos mirradas
Erguendo para Deus, pede-lhe a morte
Em férvida oração.

Digitized by Google

É surda a Providencia ... Eccos doridos
Do martyr da penuria não commovem
A compaixão do Eterno!.. Elle, mendigo,
O orphão vae á porta do abastado,
Supplica, e a chorar, espera... espera...
De gélido cynismo um *não* tardio.

Exhausto de vigor, lasso de fome,
De lagrimas, e supplicas cançado
Não póde já rogar.
No portico de marmore d'um rico,
Sentára-se o infeliz, e o rico, ao vê-lo,
Mandára-o *caminhar*.

« *Caminha*, que é teu crime esse ferrête
« De mendigo, que tens na magra face,
« E nos trapos nojentos que te vestem...
« *Caminha*, que é vedado ao verme ascôso
« De rojos pela esqualida miseria
« Roçar-se vil nos pórfidos do rico.»

E o orphão caminhou... Rodavam seges,
Cruzavam-se librés faustosas, ricas
De nobre corrupção...
As faces salpicaram-lh'as de lama,
E á mão, que elle estendêra supplicante,
Foi cega a compaixão.

Digitized by Google

A' tarde, quando o sol dourava as orlas
Do magestoso céo nos horisontes,
O orphão mendigava um gazalhado,
Um eido onde morrer!.. A fome acerba
Minára-lhe as entranhas, lacerando-as
Nesse agro espicaçar d'intimas dôres.

Ouviram-n'o gemer a horas mortas,
E d'entre os labios, que sellára a fome,
Soltára uma expressão...
Não pedira comer, nem gota d'agua,
Nem vestes que a nudez lhe agasalhassem...
Pedira a confissão.

No mesmo alvergue, alli, em pôdre esteira
Velava angustias, como elle, um velho
De faces cadavericas, sulcadas
Por fomes, e trabalhos, e tristezas,
Que não sabem chorar os que vão indo
Do bêrço á sepultura em chão de flôres.

Erguêra-se o ancião, e junto do orphão
Soluçante joelhou, e com seus braços
O corpo lhe cingiu...
« Pediste a confissão — diz-lhe o mendigo —
« Aqui vim p'ra te ouvir... nesta hora extrema,
Irmão, Jesus te ouviu...

.....

Digitized by Google

Que culpas confessára o agonisante
Não disse o confessor... Diz que em seus braços
Expirára de fome um desgraçado,
Quaes outros que, vergados á penuria,
Salvára muitas vezes n'um mosteiro,
Onde, antes de mendigo, fôra monge.

.....

A VIUVA.

I.

A DONZELLA, gentil de seus encantos,
Em casa de seus páes, farta, mimosa,
Vivera virgem casta d'innocencia.
Anhelante de crenças, vê delicias
Nos quadros, que lhe alindam aureos sonhos
Embalados por mão da virgindade.

Melindrosa, córava quando ouvia
Estranhos galanteios, que não eram
As frazes de seu páe, não perfumadas
D'um ether seductor, que a perturbava.
Quizera ella, outra vez não mais ouvi-las;
E nesse esforço vão luctava, e, debil,

Digitized by Google

Deixava-se prender nos laços meigos
Das caricias d'amor, ebrio d'incensos.

Amou. Viva paixão ella inspirara
Em mancebo formoso de virtudes,
De genio, de feições, d'altos alentos.
Foi delle ante o altar. Alli, tão linda,
Curvada aos pés da cruz, arfa-lhe o seio,
As faces virginaes são côr dos labios,
E a mão, que aperta a mão feliz do esposo,
Estremece... porque?.....
.....Mysterios d'alma!....

II.

Tão feliz, nos braços delle,
Aquella meiga consorte
Scismava tanto na vida
Tão longe estava da morte!...
Não lhe pungia a saudade
De singela mocidade
Nem dos carinhos da mãe...
Seu coração não podia
Tanto amor, tanta poesia,
Repartir por mais alguem.

As frescas rosas da face
Não lh'as murchara o tufão
Da tempestade que passa

Digitized by Google

E desfolha uma illusão.
Dera-lhe o céo piedoso,
D'entre os seus anjos, o esposo
Para todo o seu viver!...
Só pedia a Deus — na morte
Lhe coubesse a ella em sorte,
Primeiro que elle, morrer.

Que importava o laço augusto,
Que a cingira ante o altar
Ao mais leal dos maridos,
Que lhe não déra um pesar?
Desgraçada!... ella só tinha
Seu dominio de rainha
Sobre um nobre coração:
Mas, se o *alarma* das batalhas
Rugir ao trom das metralhas,
Quem lhe respeita a paixão?

Seu marido... esse não póde
Que jurou bandeiras já:
Pela honra d'um partido
Em que *crê* á guerra irá.
Irá no campo onde a lucta
É d'irmãos feroz disputa
Ser um cadaver, talvez....
Mas ceder aos prantos della...

Digitized by Google

Trepidar ante a procella...
Isso não — que é portuguez.

Nem dos tenros dois filhinhos
Podem lagrimas valer:
Diz que o nobre amor da patria
Não permitte filhos ter.
Diz que a patria geme escrava,
E que o solo, onde ella crava
Da *liberdade* o pendão,
Deve ser honrosa lousa
Onde vá carpir-se a esposa,
Livre já da escravidão.

E partira. Nesse dia
De dorido e acerbo adeus,
Joelhara a mãe e os filhos
De mãos erguidas aos céos.
Pelo páe mais carinhoso,
Pelo mais amado esposo
Choravam juntos da cruz:
Pranto de sangue chorava
A mãe, que os filhos mostrava
A' VIRGEM, mãe de JESUS.

III.

Ao sopro fervente dos campos da morte
Lá marcham soldados heroes tantos mil!...
Accêsos se abrazam nos seios da patria
Os odios malditos da guerra civil!

Digitized by Google

Dos braços da esposa, que o susto apavora,
O páe de seus filhos a guerra uzurpou;
Dos braços maternos a mão da desgraça
O filho, que extremo lhe resta, arrancou.

Intrigas perversas de *nobres* traidores
No sangue se nutrem da patria commum:
Que mostrem nas faces o sangue que vertem
Os grandes que os odios inflamam? — nenhum!

Quem pende a cabeça no chão mutilada,
Quem sente no peito uma bala a ferver,
— É esse que a *lei* roja em nome da patria,
Qual rez no açougue da patria a morrer.

É esse, que arbitrio não teve — *soldado* —
Se a voz prepotente d'um grande bradou!
É esse que um *soldo* escravisa a caprichos,
E em nome da patria bastarda expirou.

Ao sopro fervente dos campos da morte
Lá marcham soldados heroes tantos mil...
Accêsos se abrazam nos seios da patria
Os odios malditos da guerra civil.

IV.

Desfraldam-se estandartes salpicados
De sangue fratricida!

Digitized by Google

No campo frente a frente, pavorosos,
Dois bandos vão travar, vertiginosos,
Questão de morte ou vida!

D'um lado é portuguez quem brande a espada
Em nome do seu REI.
Ali, não vêdes só rojar-se um 'scravo
Aos pés de seu senhor... — vêdes um bravo
Que morre pela LEI.

Tambem é portuguez quem vibra o ferro
A' VOZ de LIBERDADE,
Mentidas illusões, mentida palma,
Freneticas paixões lhe accendem n'alma
Baldada heroicidade!...

Cruzam-se as balas — estridor confuso
Retumba o arraial...
Fremente escarva o andaluz irado
O fosso onde seu dono ensanguentado
O ai soltou final!

Além, naquelle cêrro, o peito aperta,
Nas contorsões da dôr,
Um mancebo gentil, que vê, na morte,
Myrrados labios d'infeliz consorte
Dar-lhe um beijo d'amor...

No collo della, dois filhinhos caros
Banhados de chorar...

Digitized by Google

Dois orphãos desvalidos, miserandos,
Que irão pedir esmola a um dos bandos
Que um dia triumphar.

Mil turbidos fantasmas lhe revoltam
A mente allucinada...
Em seus labios febris um nome esvoaça,
Um beijo... extremo adeus do que trespassa,
A' esposa angustiada!...

Lá tem na fronte a c'rôa do guerreiro...
— É do sangue d'irmãos! —
E a fronte vacillou... já sente o forte
Geladas bagas do suor da morte
Nas já convulsas mãos.

E as mãos convulsas levantando a Christo,
Em segredo rezou...
— Legára os filhos seus á Providencia?
— Pedíra para a esposa a Deus clemencia?
Quem sabe?... Elle expirou!

V.

Orgulhosos castellos ostentam
As bandeiras do seu vencedor:
Borrifadas as faces de sangue
Vem na paz pedir premio ao valor.

Digitized by Google

Foram fartos os premios que deram
As mãos largas de quem triumphou...
E dos mortos que os vermes roeram...
Eram mortos...—ninguem se lembrou!

Vão nos campos heroicos da guerra,
Onde jazem as cinzas do heroi,
Vão seus filhos ás urzes da terra
Perguntar—o seu leito onde foi?!

Nem um pobre vestigio de lousa,
Nem nas trevas do olvido uma luz,
Nem legenda que diga—*repousa*
Um christão ao sopé dêsta cruz!

Ai dos vivos, que os mortos não erguem
Mais a fronte que a espada rasgou;
Nem infamias de vivos perseguem
Quem na morte heroismos legou!

Ai da esposa, dos filhos, que vagam
Dando um nome, que grande já foi...
Mas que importa, se insultos lhes pagam
Do soldado as façanhas de heroi!

VI.

Depois do anoitecer — envergonhada,
Vos pede a parca esmola a mãe d'uns filhos,
Que perderam seu páe—

Digitized by Google

Erguei-lhe o véo de dó— vêde-lhe o rosto
Lacerado da fome, e o pranto amargo
Que nas faces lhe cáe!...

Viuva... sem recursos... sem parentes,
Um amparo, que tinha— o seu marido
Nas batalhas morreu!...
Passageiro, que vaes, não tens que dar-lhe,
Não tens um só ceitil?... mas dê-lhe a esmola
Essa mão que venceu.

As migalhas da mesa, os vossos restos,
Lançae-os á dois orphãos que mendigam
Da fome o negro pão...
Vós, grandes que subistes á grandeza
Por cima do cadaver do soldado,
Vergae á compaixão!

Manhã... morta, talvez, a mãe que os chora,
Ingratos, que fareis dos pobres filhos
D'um nobre militar!?
Deixa-los-heis passar, lividos, rotos,
Descrentes, sem pudôr, mortos d'esp'rança
No roubo o pão buscar?

Irão, irão, que a mãe na sepultura
Esquecida por vós, martyr d'affrontas,
Seus filhos não verá...
No tribunal de Deus... sois *vós* e *ella*...
—Mas as contas que encerram crime e infamia—
Quem é que as saldará?!...

Digitized by Google

SE QUIZESSES!...

Eu não sei se affectos podem
Galvanisar quem morreu!...
Tu, mulher, tão carinhosa
Como a esp'rança presa ao céo,
Queres á luz da evidencia
Levar a tua experiencia
Sobre um cadaver? Sou eu!

Fita bem teus olhos negros
Neste sorrir que me vês...
Se m'o dissipas dos labios,
Resucitas-me talvez..!

Digitized by Google

— Um epytafio na lousa
De coração, que repousa
Neste sorriso não lês?

Dentro em mim é tudo abysmo
Tudo gelo e escuridão!
Vem com a luz de teus olhos
Vêr o que é meu coração...
Vês uma harpa gelada?
Já foi fogo!... se és fadada
Faz vibral-a á tua mão.

Tira-lhe um hymno chorado
Para ti ou para Deus;
Faz que a dôr, filha da terra,
Tenha um refugio nos ceos;
Que, depois, virgem chorosa,
Desta harpa suspirosa
Todos os hymnos são teus.

Alta noite o pensamento
Hade accordal-o a poesia;
Se na terra inda estiveres
Dou-te um hymno d'alegria...
Se te vir brilhar no céo,
Deixarás um mausoleo,
Chorarei lá noute e dia.

Digitized by Google

Se eu morrer, e não tiveres
Entre tumulos terror,
Vae curvar-te onde se hastea
O pendão do Redemptor...
Chora ahi toda a amargura,
Que a mudez da sepultura
É inda um hymno d'amor!

5 de Abril de 1850.

Digitized by Google

AO MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA

(Francisco Joaquim Bingre).

I.

GEMEU-TE a lyra luctuosa e triste
Entre os dedos myrrados!
Que dorídas canções tu não carpiste!
Que profundo soffrer, bardo, exprimiste
Nos carmes pranteados!...

Vagavas solitario pelo mundo
Da accesa fantasia;
Na terra o teu gemer era infecundo,
Sem dó, sem compaixão, e tão profundo
O coração gemia!

Digitized by Google

Sobre o leito da dôr o corpo lasso
Morria-te, ancião!
Faltava-te do amigo o terno abraço,
Minguava-te da vida o pobre e escasso
Bocadinho de pão!

Tu que tinhas aqui alma abrazada
Por fogo juvenil?!
Decrepito na vida extenuada,
Que importavam canções, se a mão myrrada
Não pedia um ceitil?!

No leito do trespasse onde gemias
Abandonado e só,
Conversavas co' a morte, e lhe pedias
Mudasse a amarga taça d'agonias
Em urna de teu pó.

Pedias o morrer, que o desconforto
Na velhice é cruel...
Não ouviras gemer na campa o morto,
E o tumulo sorrira-te qual porto
Ao perdido baixel.

Das mizerias da terra a mente erguias
Ao throno de Jezus!
A ELLE, a ELLE só, teu peito abrias
Rasgado pelas roixas agonias
Da pobreza na cruz.

Digitized by Google

II.

E os homens passavam de perto ao teu leito
Que cercam fantasmas de palida fome;
Passavam... mas, surdo, o martyrio em teu peito,
Não vaza uma gota do fel que o consome.

Archanjos celestes, cantando os teus hymnos,
Se os homens os vissem saudarte ao morrer,
Diriam—la gemem os sons tão divinos
Do cysne expirante, que vamos perder!..

Iriam, cantor, de grinaldas cingir-te
A fronte onde brilha fatidica luz;
Despiras andrajos, que eu vejo cobrir-te,
Subiras um throno, desceras da cruz.

— Que a cruz do poeta que a fome ha vergado,
Se altivo ergue a fronte á suprema desgraça,
Tem corôa d'espinhos, injurias, e o lado
A lança d'ingratos sem dó lh'o trespassa!

III.

A luz d'um raio divino
Te aqueceu no berço a fronte:
De lá viste immenso o orbe
D'esp'ranças sem horisonte!...
A travez do falso prisma
Da fantasia que scisma

Digitized by Google

Em dourados sonhos vãos,
Quantas vezes venturoso
Ergueste ao céo, fervoroso,
O pensamento e as mãos!

Poeta! diz como era lindo
Esse claro céo d'amor,
Não toldado pelas nuvens
D'um desengano traidor!
Que é dos hymnos que entoaste,
Que é dos anjos que exalçaste
Nos teus estos infantis?
Não tens paginas saudosas
Onde vêrtas copiosas
Bagas de pranto, infeliz!?

Rasgaste-as, *Bingre*, essas folhas
Onde a mão da innocencia
Com letras d'ouro escrevêra
Mais amor que sapiencia?
Já não tens esses primôres
Onde eram fogo os amores,
Onde era amor o existir?
Não tens impressa na mente
Uma harmonia fervente
Das que inspirava um sorrir?

Dá-nos as paginas d'ouro
Que te não pertencem só:

*

Digitized by Google

A tua alma está n'ellas,
Que o teu cadaver é pó.
Imprime, *Bingre*, os teus versos
Onde transluzam dispersos
Os teus dias que lá vão:
Lega á patria, onde soffreste,
Quantas lagrimas verteste
Victimado á ingratidão.

Torva sombra d'um cypreste,
Enluctando a sepultura,
Não são honras funerarias
Nem é premio á desventura!
Camões não tem uma louza,
Bocage onde é que repousa?
Não tem *Filintho* um padrão!
Onde é que tu viste escripta
Legenda, que lembre *Quita*,
Ou memoria d'um *Garção*?

Cysne, que expiras, descanta
Dá-nos a historia da morte;
Diz se a alma ao céo voando
Vae feliz em seu transporte.
Diz se contrista a saudade
D'illusoria mocidade
Com seus encantos, e dôr...
Diz se as crenças renascentes

Digitized by Google

N'alma vem dos mais descrentes
Inspirar fé no SENHOR!

IV.

Eu li teus versos, e nos seios d'alma
Senti consolação...
Vi que o homem pendido ao chão da morte,
Aguarda sem pavor o extremo corte,
E ergue até ao céo, em seu transporte,
Fervorosa oração!

Irei, poeta, irei no teu sepulcro
Um goivo desfolhar...
Na campa, onde o dormir em somno infindo
É descanço final ao que carpindo
Esta vida viveu, e alfim, sorrindo,
No céo vai repousar!

17 de Dezembro de 1850.

Digitized by Google

CONSCIENCIA.

De que serviu este pranto,
Quem m'escutou nesta dôr?
Dóe a alguem a occulta lagrima
Chorada sobre uma flôr?

CAROLINA da V. C. B. — (Lamentos)

I.

Eu, homem, que descrê mentidos brilhos
De auroras, que o porvir me luz nos sonhos,
Tristes trovas farei, onde os relevos
D'entranhada descrença e desalento
Excitem compaixão nos que inda esperam
Sorrisos entre lagrimas na terra.

II.

Nas horas d'insondavel amargura,
Imagem de mulher, banhada em pranto,
Transluz d'entre o pallor das minhas trevas,
E suspenso me tem, horas que fogem,
Nos céos da fantasia allucinada!...

Digitized by Google

Na solidão da dôr, quando me acurvo
Ao idolo da morte e peço a campa,
Sentada vejo ali junto da lousa
Imagem de mulher banhada em pranto,
Abrindo-me em seus braços um refugio.
Eu choro então por ella, e em seus olhos
Libando o pranto amargo, que lhe tiro
Do coração que estala, eu sinto a ancia
A ancia de viver, viver por ella...

III.

Ha dias de terror, que me torturam!
Eu tenho-os quaes ninguem talvez os sinta,
E pesso ao Redemptor que os não inflija
Em dura punição aos que me offendem!
São dias que me custam muitos annos,
Que a morte intempestiva me arrebata!
Eu vou buscar então nos labios pallidos
D'um anjo de martyrio um rir esp'rançoso,
Um halito de vida, e sinto alentos...
Alentos... para que? — não sei, mas sinto-os,
.....

IV.

Que vida hervada assim d'agros venenos!...
Que vida até morrer!... e tanto espinho
Do berço até á campa eu vou pisando!...

Digitized by Google

O homem, quando olhou seus proprios males
E pasma ante o sudario sanguinoso
Da sua vida incrivel de tormentos...
Este homem é prodigio de desgraças!..
Chorai-o, por que a dôr solveu-lhe os crimes,
E o sangue que verteu dos seios d'alma
Lavou-lhe as nodoas da pendida fronte.

V.

A dôr envelheceu-me! Eu vivo ha muito
Sem fé, nem illusões...—estas morreram,
E eu, qual sombra dellas, ei passado
Em frente dos que invejam meu destino.
Velho... eis-me ao nascer crenças a muitos!...
Se instantes vagos a paixão me agita
O coração gelado, a alma esteril,
Eu sou qual fronde no carvalho annoso,
Que verga ao furacão, e range e estala,
Ou, pelas auras brandas bafejada,
Não tem goso nem dôr...—vive e não sente!

VI.

Que é do teu fogo, coração que ardias
Em fogos de paixão, se te abrasavam
Os olhos de mulher—vista n'um sonho?
E os mundos meus tão magicos de crenças,
Quaes lucidas visoens de accesa febre

Digitized by Google

Que é delles? — vi-os eu espavoridos
Passar, fugir, no resvallar dos annos,
E com elles sumirem-se nas trevas
Desse abysmo, chamado a consciencia!

VII.

Amei já este céo — amei-lhe os astros
Em consoladas noutes de tristeza
Suave ao coração! Na primavera
Pulava-me em verdor a vida alegre
Nos seios d'alma, qual no prado a rosa,
Que as azas do suão prestes desfolham.

Nas florestas d'aldeia eu tinha o estro,
Não de trovas rimadas, mas de vagos
Cantares deste amor, onde ressumam
Perfumes d'innocencia ingenua e crente.

Que amor eu tive ao sol que, á tarde, esplende
No rubido horisonte em céo d'estio!

Sentado sobre as fragas da montanha,
Sosinho, eu, scismador d'alvas esp'ranças,
Bemdisse a creação, vendo-me erguido
No throno, onde, immortal, me fôra dado
Um deadema augusto — o pensamento! —

Senti espontaneos hymnos ressoarem
Cá dentro, onde ha mysterios nubelosos

Digitized by Google

Nos transparentes veos d'alma, que vibram
Os magos dedos d'infantil poesia.

Poeta... eu sei que o fui!... Amei dos campos
A mais formosa flor — a virgem rude
Que tem na tez morena a côr do pejo,
E nos queimados labios o sorriso
Da intima alegria... Eu despertava
Dos meus primeiros sonhos namorados,
N'aquelle madrugar tão bonançoso,
Com ella, ebrio d'amor, sempre na mente!...
A mão trigueira pelos soes d'agosto
Beijei-lh'a com fervor! — mudo ao pé d'ella
Nas encostas do val, entre arvoredos,
As tardes me fugiram como sonhos
Do que sonha venturas instantaneas.
Ao vêr baixar o sol, senti descer-me
O veo de melancolica saudade
No ledo coração, puro de crimes.

VIII.

Que vida eu tive então!... sempre saudoso
D'indifiniveis gosos, sempre triste,
Mas triste sem remorsos, nem terrores...
Que immensa aspiração me arfava o peito,
Que esp'ranças nevoentas no mysterio
Das illusões alvissimas d'um crente!...

Meu Deos! que ingratas dôres tive em troca

Digitized by Google

Da singelesa d'innocentes risos!

. . . . . .

IX.

Outra infancia não tive! Aqui cerrou-se
O meu sacrario d'illusões e affectos!
Depois entrei no mundo, e ás portas delle
Senti d'um anjo a mão rasgar-me a venda...
D'um *anjo!!* — que as paixões então senti-as,
Paixões vertidas n'alma em fogo, e essas
Mentiu-mas esta fé nos dons astutos
Da tão linda *mulher*, que eu julguei *anjo*.

X.

Eu não penei atado ao poste acerbo
De traições de mulher!... ferrete ignobil
Nenhuma inda o cuspiu na minha fronte...
Mas sinto o coração sem luz d'affectos!..
Não sei que sopro d'infernal mysterio
Passou dentro dest'alma, onde brilhara
D'immaculado amor vivido facho!
Cansaram-me desgostos lentos, agros,
Tristes desillusões, vôos mentidos,
E esperanças delídas, descoradas,
E a *verdade*, em fim, a atroz *verdade*,
Positiva, carnal, inalteravel!

Digitized by Google

XI.

A crença, morta assim na madrugada
Do fugitivo dia das chymeras,
Não mais resurge d'entre os gêllos d'alma!
Depois, os annos vem um apoz outro,
Pallidos, assombrados como larvas,
Que desfillam sosinhas, taciturnas,
Nos aridos desertos desta vida
Cujo oasis de paz é no sepulcro!

16 de Março de 1851.

Digitized by Google

QUERES A FLOR?

Em má hora, anjo perdido,
Me pediste alguma flôr!...
Das que tenho, que são quatro,
Nenhuma falla d'amor.

A primeira é a *saudade*,
Cujo espinho atravessou
O coração, que a regára
Com pranto, que ella seccou.

A segunda é um *martyrio*,
Que me deram, quando amei...
Foi-me caro—é um thesouro,
Que por lagrimas comprei.

Digitized by Google

A terceira é dos sepulchros,
— É um *goivo*... não t'o dou,
Fui colhê-lo ao cemiterio....
Entre mortos vegetou!

A quarta... sim... dou-te a quarta,
É uma *rosa*... mas olha...
— Se eu morrer, e tu sentires,
Na minha campa a desfolha...

5 de Abril de 1851.

Digitized by Google

FEBRE.

—FRAGMENTO DO LIVRO DE ***—

III

NUVEM, que passas ligeira
Além, nas orlas do céo,
Tu serás a mensageira
D'uma virgem, que morreu?
Virás tu do paraizo,
Encantada n'um sorriso,
Qual te vi nos sonhos meus?
Vens ao martyr dos tormentos
Trazer-lhe sanctos alentos
Em nome d'ELLA e de DEUS?

Digitized by Google

Pára! ... vê que neste rosto
Fogo d'alma não transluz! ...
Olha o profundo desgosto
Que me verga á minha cruz!
Soffro muito! .. ninguem pensa
A dôr que estala de intensa
Neste coração, que foi
Nas paixões sempre delirio,
Na recompensa martyrio
E no martyrio um heroi! ...

Soffro muito! E nenhum laço
Me tem hoje ao mundo preso;
Os que tive eu despedaço
Quando eu proprio me despreso!
Soffro muito, e ninguem sabe
Quanto fel aqui me cabe
Nos seios do coração!
Soffro, calado, maldito
Qual o judeu, que, proscripto,
Vê perpetua a maldição!

IV.

Fizeram-me infeliz! Nasci sem culpas,
Um berço tambem tive d'innocencia,
Fallei com labios puros, — virgem d'alma,
Fôra um anjo dos céos!

Digitized by Google

Fizeram-me infeliz! Entrei no mundo
Com este coração rico de alentos,
Abrazado no amor, ardente em crenças,
Vehementes em Deus!

Fizeram-me infeliz! Vêde-me apenas
No começo da vida, e tenho a face
Myrrada pela dôr, e a luz dos olhos
Vacillante a morrer!
Se apalpo o coração, não acho vida,
Nem lagrimas ao menos que me prestem
Na hora do trespasse inda o desejo
D'um dia mais viver!

Foi a filha do céo, a Providencia,
Que ao *nada* quiz descer do throno augusto,
Do *nada* me tirou, e as portas amplas
Do mundo abrir-me quiz.
Maldigo a Providen... perdão, oh Christo!
Os homens, sim, maldigo-os... foram elles
Que em paga d'illusões que me mataram,
Fizeram-me infeliz!

V.

.....
.....

Ao nada! — grita-me um brado

Digitized by Google

Que a consciencia me dá:
Ao nada! — diz-me o cadaver,
Que n'aquella campa está!

Desgraçado! eu nada tenho!
Quero crêr... não tenho fé!
Erguei-vos, mortos, dizei-me:
« *Eternidade*... o que é? »
.. ..
.....

VI.

Reprobo, blasfemei, quando este inferno,
Que me abraza por dentro, é em meus labios
Um sinistro clarão!
O impio é desgraçado; e quantas vezes
A livida desgraça faz o impio
Sem fé, sem contricção?

Eu contricto, prostrado, eide ter lagrimas
Nas torvas horas do morrer afflicto
Contorcido na dôr!
Choral-as-ei então... Talvez que o *crime*,
Assim chamado aqui, sejam *virtudes*
No céo, ante o SENHOR!

.....

13 de Novembro de 1849.

Digitized by Google

TENTAÇÃO.

Tu da morte anjo invisivel,
Que devassas os mysterios
Lá no seio dos sepulcros,
No pavor dos cemiterios...

Vem comigo!.. A hora é triste,
Não respira a natureza...
Tudo é trevas, mas os mortos
Lá terão lampada accesa.

Vem comigo!.. Eu quero vêr-te
Ao clarão da frouxa luz...
Quero ver-te entre os vallados,
Onde alvejam ossos nus.

*

Digitized by Google

És o archanjo! Evoca os mortos,
Da trombeta o brado espalha!
Faz que um morto além resurja,
Tincta em sangue inda a mortalha...

Lá surgiu!.. foi poeta!.. vês-lhe
Sobre a fronte algum laurel?
Vês-lhe o genio arder nos olhos?
Vês de vermes negro annel!..

Podes, anjo, um ar de vida
Nos seus labios bafejar?
Dá-lhe um alento!... eu quero ouvir-lhe:
« Se ha na campa o repousar! «

« Se dos labios d'um perverso
« Atravez irá da lousa
« Inda o fel da injuria infame
« Perturbar quem lá repousa.

« Ou se o infame, a horas mortas,
« Do remorso é arrastado
« Junto á campa, e pede ao morto,
« O perdão de o ter matado! »

.....

.....

Digitized by Google

*

h ! meu anjo ! . . se um perverso
Torturado não expira,
Honra e crime é tudo o mesmo;
A providencia é mentira !

Abril de 1850.

Digitized by Google

O MONGE.

Terreurs d'une ame timide qui manque de confiance dans ses propres forces ; expansion d'une ame ardente qui a besoin de s'isoler avec son createur ; indignation d'une ame navrée qui ne croit plus au bonheur, activité d'une ame violente qui la persecution a aigrie ; affaissement d'une ame usée qui le desespoir a vaincue : quels especifiques opposent-ils à tant de calamités ? Demandez aux suicides.

CHARLES NODIER.

I.

INFLAMADO nos estos da infancia,
Um mancebo, abrazado em paixões,
Viu-se aqui neste mundo, onde, em aneia,
Arfa o peito anhelando illusões.

Digitized by Google

Em seus sonhos de crenças formosas,
A travez mago prisma d'amor,
Mil imagens previu vaporosas
Entre nuvens d'estranho fulgor.

E com ellas gravadas na mente,
Mal do mundo os umbraes penetrou,
Viu n'uns olhos o brilho iunocente
D'uma virgem das mil que sonhou.

Que transportes ferventes lhe accendem
Castos hymnos d'um estro febril!
Mas que importa, se o não comprehendem
Lindos olhos em face infantil!?

Quando o mundo encontrou tão diverso
Das esp'ranças, que tinha aspirado,
Viu que a crença era um sonho disperso,
Mal entre homens havia accordado.

Viu na sombra da crença esvahida
Ir-se a luz do seu typo ideal;
— Que as dilicias, previstas na vida,
Converteram-se em gôso carnal.

A mulher, sensação melindrosa,
Perfumada no seu coração,
Apagando-lhe a fé luminosa,
Perverteu-lhe o candor da paixão.

Digitized by Google

Pervertido o mancebo na alma,
Que tão casta esposára as paixões,
Foi com mão libertina uma palma
Na requesta colher das traições.

E colheu-a... Foi facil colhêl-a
Com destrezas gentís de devasso!
Se de crimes a gloria quiz têl-a,
Conseguiu-a, e alfim o cansasso...

O cansasso prostrou-lhe os sentidos
E gelou-lhe os desejos ferventes...
Só tem n'alma a surdez dos gemidos,
Quando a ferem remorsos pungentes.

Não tem alma que aspire um desejo,
Nem desejo sagrado á virtude!..
Das donzelas o candido pejo
Enfastia-lhe o espirito rude.

A seus pés desfolhadas as flores
Das grinaldas de virgens trahidas,
São despojos calcados d'amores,
Cuja gloria são honras cuspidas.

Quando o crime irritado n'um sonho,
Alta noute, se encosta ao seu leito,
E lhe crava o remorso medonho
Nas entranhas do intimo peito,

Digitized by Google

O mancebo desperta aterrado...
Vem-lhe á mente os espectros sanguentos,
Que da campa do tempo passado
Ressurgiram terriveis, sedentos!..

Vem-lhe á face o terror do que sonha
Logo apoz um cruento homicidio!
Mas na alma lhe esvoaça risonha
Uma idéa... — a do atroz suicidio!

II.

As noutes pavorosas de remorso
Velladas pelo filho da desgraça
Só sabe o que ellas são homem, que esconde
Um crime atroz na escuridão da alma:
As grandes afflicções não se adevinham...
É precizo soffrer, chorar, e as lagrimas
Dessoral-as no sangue!
Este mancebo
Foi só no seu martyrio! As faces magras
Envelhecidas, humidas de pranto,
Ninguem lh'as enchugou!....
Dóe o abandono

Bem mais que a desventura! O criminoso
Mui dura expiação gemeu na terra
Se os homens com desprêso o viram ir-se
Na estrada larga da maldade impune.

Digitized by Google

Deixaram-n'o sosinho. O êrmo é triste,
A dôr lá não respira, e a angustia opprime,
Cruenta, o coração, que é lacerado
Pelo cancro roedor da impiedade.

Sim! o êrmo tem consolações e mimos,
E o balsamo que cerra as chagas fundas
Da consciencia. Lá, hade encontral-o
Quem nas horas avessas d'infortunio,
E descrença nos homens, curva o joelho
Deante d'uma cruz, e pede, e chora.

Chorar deante de Deus chorára o triste
Com a face no chão... Dôr tão afflicta
Não houve alguma a orvalhar com lagrimas
A cruz deserta em solitaria encosta

A esperança do ceo brilhou nas trevas
D'aquelle espirito a penar torturas
De duvida e descrença! Extremo affecto,
Espolio não manchado de torpezas,
É esse extasis sancto que reanima
O réo d'um crime, que repellem homens,
E Deus ampara, e perdôa, e salva.

Nos labios do mancebo, onde crestaram
Lascivos beijos a candura d'alma,
Murmura agora a fervorosa prece

Digitized by Google

A supplica, o perdão, o amor divino,
A compaixão de Deus, e a caridade!

Foi esta a oração do que, vergado
Por desgraças da terra, exora a Christo
Um conforto do céo, a luz da esperança:

*

« As nodoas dos meus crimes são patentes
« Aos olhos do meu Deus!
« Eu venho aqui, Senhor, entre innocentes
« De crimes quaes os meus,
« Eu venho orar tambem preces ardentes...
« Serão d'um réo as supplicas ferventes
« Repellidas dos céos?

« Oh Christo! — a aspiração que eu julguei morta,
« No esteril coração,
« Anceia o vosso amor! Sou réo!... que importa?
« Olhai-me a contricção!
« Vêde a alma do réo que dôr supporta!
« A que infernos da terra ella o transporta!..
« Depois... dai-lhe o perdão!

« Fui grande nas paixoens, meu Deus!.. perdi-me
« Desvairado no amor!..
« Despime d'illusoens... tragei do crime
« D'ouro o manto traidor!

Digitized by Google

« Uma virgem chorou ... soffri. . . esqueci-me!
« Outra virgem chorou ... passei... sorri-me
« D'escarneo aviltador!

« Depois, gelado n'alma o sentimento,
« Amava as sensaçoens,
« Pedidas, tanta vez, ao soffrimento
« D'estranhos coraçoens!
« Achei-os tão sublimes no tormento,
« Tão sanctos no martyrio! ... e o amor violento
« Paguei-lh'o com traiçoens!

« Perverso, o meu cynismo depravado
« Tornou-se ultrajador!
« A honra escarneci no desgraçado
« Sem manchas de traidor...
« Virtuosos ... nenhum quiz a meu lado
« Ouvir-me o audaz sarcasmo empavonado
« D'um rir aviltador!

« Quando, mesmo no crime, o desconforto
« Para o crime senti,
« Chorei então, oh Christo, o alento morto
« Pois que tudo perdi!..
« *Morrer!* o *nada!* ou na terra um horto
« D'eternas agonias sem conforto....
« Meu Deus!.. muito soffri!

« Senhor! não mente o pranto que ei chorado!

Digitized by Google

« Vedes meu coração! . .
« Abri braços de pai ao desgraçado
« Ludibrio da paixão!
« Que filho veio a vós, que haja voltado,
« Com o remorso n'alma atravessado,
« Ao mundo, á corrupção!?»

. . . . . .

. . . . . .

Esse homem, que chorou gotas de sangue,
Foi visto do SENHOR! É grande o ETERNO!

III.

Era no templo, e o orgão magestoso
Na amplidão das naves reboava
Accordes sons de musica divina.
O sol, no extremo céo, languente e froixo,
Chamejando nas ondas purpurinas,
Rúbidas resteas atravez coava
Da esguia fresta no portico do templo.

Severo e triste no assombrado aspecto,
Por entre as turbas, que bemdizem, crentes,
O Deus de seus avós, vêde um mancebo,
Que timido se prostra. Eil-o inspirado,
Erguendo as mãos, em oração piedosa,
Reverente, exemplar, como se um justo
De longa e sancta vida ali rezasse.

Digitized by Google

Do monge a voz soturna, e melancolica,
Dorída e cava, solta o hymno lugubre,
Profundo, da paixão de Jezus-Christo.
Era terrivel a magestade augusta
Das carpidas cançoens, que a vóz do monge,
Por entre as ondas do sagrado incenso,
Erguia ao céo! Oh! daime um desses hymnos
De tão sancto terror, que o velipendio ....
Immudeceu, raivoso em suas iras
D'impiedade egoista e mal-feitôra!
Dai-me um dos hymnos funebres do templo,
Do templo do mosteiro, onde hora jazem
O monge e o verme no sepulcro aberto
Por mão profanadora do passado,
E opulenta de opprobrio ao que é cadaver!

.....

....

Na alma do mancebo, rossiada
Pelo orvalho do céo, a essas horas,
Passavam-se mysterios grandiosos!
Entre elle e o mundo, entre a culpa e a prece,
Posera a mão de Deus a mão do archanjo
Que desde o berço ao tumulo vigia
A vida incerta desse fragil barro,
Que traz no coração *o crime e a honra!*

Se ali, aos pés do altar, foi provocal-o

Digitized by Google

Da tentação o seductor sorriso,
O peccador sentiu valer-lhe o anjo,
E as lagrimas contrictas do remorso,
E o compassivo olhar d'um velho monge,
Que vê, nas faces lividas d'um joven,
O sangue, que hão vertido ulceras d'alma,
Incuraveis no mundo!
Eis, de improviso,
Os olhos do mancebo amortecidos
Cravam-se fixos d'um fulgor estranho
Nas faces cadavericas do monge.
E o monge, ouvindo a inspiração celeste,
Nos labios macilentas abre um riso
D'esp'rança animadora ao penitente

IV.

O templo era deserto, e o orgão mudo:
Silencio, e sombras, e a tristeza austera
Das naves solitarias, diffundiam
N'alma a poesia dos mysterios sanctos.
Da multidão, que foi d'ali tocada
Por mão da fé no fel da consciencia,
Ha delles um christão que não desvia
Da cruz os olhos, e da lagem dura
Os joelhos não ergue. É, lá, sosinho...

Extinctas são as luzes já nos cyrios,
Os gonzos rangem no portal da egreja,

Digitized by Google

Descem as trevas como em céo de bronze,
E o mancebo, estatua da tristesa,
Ou da alegria em fervoroso extasis,
Não respira, mas chora, e sente as lagrimas
Cahirem-lhe da face ás mãos erguidas...

A passos surdos sobre as lages, vede-o
O monge d'alvas cans, symbolo sancto
De heroicos tempos de saudosas crenças!
A mão tremente e descarnada pousa
No hombro do mancebo:
« Irmão — diz elle —
« O pranto derramado em seio alheio
« É menos amargoso a quem o verte...
« Se um seio peccador tu queres, filho,
« Eu dout-o... chorarás... Ergue-te, crente!
« Desgraçado na terra é só o impio! »

E ergueu-se o homem, cujos labios pousam
Na mão do monge o beijo estremecido
Por intimos tremores. Ambos tristes,
E mudos atravessam as arcadas
Do taciturno claustro...
— Monge!... eu soffro...

— « Silencio! » — murmurou o monge — « Logo
« Mancebo, fallareis... Não podem vozes
« Quebrar esta mudez... O claustro é mudo
« Como os tumulos..

Digitized by Google

Alfim, na cela estreita
Entraram, e fechada, como a lousa
De dous corpos não mais vistos no mundo,
Sacrario foi de dores mysteriosas.
. . . . . .
. . . . . .

V.

Era no templo do mosteiro ainda.

Um monge triste, pallido, mas triste
De serenos pezares, inda môço,
Desprende a voz do ceu sobre os que o olham,
No pulpito, solemne e magestoso
Como enviado de Deus! A fronte cinge-lh'a
Uma aureola de lúz! Dos olhos bassos
Desce-lhe o pranto, quando conta ás turbas
Os tormentos de Christo! Eil-o tão novo
Inspirado dos anjos! Eil-o erguido,
Suspenso sobre a terra, como o archanjo
Nos paroxismos da impia Babylonia!
. . . . . .

— Quem é? — murmura a multidão do templo —

« Foi um raio de colera mundana! . . .
« Solitario, gemeu. . . e é hoje a lampada
« Dessa luz immortal, que brilha intensa
« No caminho do ceo, na voz d'um monge!

Digitized by Google

Digitized by Google

PROTESTO.

ASSOMBRADO que dei aos meus versos, com traços de inconsolavel desconforto, não foi capricho de poeta *byroniano*.

Praza a Deus que o fosse!

Choradas e luctuosas como o desalento, se estas trovas assim não fossem, eram MENTIRAS e não INSPIRAÇOENS.

Collecionando-as, deparei o mesmo pensamento sob muitas formas.

Era a *desgraça* moral — o desgosto profundo, o peso da vida.

Deixei-o n'ellas todas, porque a desgraça tem variadas manifestaçoens.

É como as lagrimas, que vem, uma apoz outra, com o mesmo travo afflictivo.

Se ámanhã me disserem que nada prestam estas

*

Digitized by Google

paginas copiadas da minha alma — esta revellação confusa dos meus insondaveis mysterios — eu não maldigo o meu livro, nem choro morta alguma das minhas desvanecidas esperanças.

Nada espero d'aqui.

Bem longe d'estrear-me para melhor fortuna em novos versos, eu protesto e juro ao leitor, sob a mais sancta das minhas crenças no céo — já que d'outras não tenho — que não verá já mais poesia minha.

A crytica deve levar-me em saldo de contas este serio juramento, se em má hora vier, armada d'armas negras, pôr-me fóra do glorioso torneio dos poetas.

Fóra já eu estou, e parece-me que estava ha muito.

Se eu ao menos podesse, no dia das justas, dar um homem por mim! ... Era-me tão facil deparal-o, sem accender a alanterna de *Diogenes..!*

Fallando serio:

Estas minhas inspirações gemiam agonisantes no seu trespasse para o silencio, que é a morte do poeta.

Morreram, e eu morri com ellas.

Camillo Castello Branco.

Porto — 16 d'Abril de 1851 —

Digitized by Google

INDEX.

	Pag.
O teu livro	1
Traição e vingança	10
A uns annos	17
Não chores	20
Adeus!	22
A Harpa do Sceptico	25
A Clara Belloni	31
Verdades	35
Amai a Deus	43
*Fragmentos do livro de ****	51 e 111
Um anjo.	59
O Templo	59
Lamentaçoens de Jeremias	64
O canto do suicida	69
Improviso	72
Vivia!	75
O orfão	79
A viuva	84
Se quizesses!	93
A Francisco Joaquim Bingre	96
Consciencia	102
Queres a flor?	109
Tentação	115
O Monge	118
Protesto	131

Digitized by Google

Digitized by Google

ERRATAS.

Pag. 15 — *Advinha* ella que morre — Leia-se *Adevinha &c.*

Pag. 63 — Verso 3 — Impio! tu chora para ti! Leia-se « Impio! tu . . . chora por ti! »

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

89006319354
b89006319354a

89006319354

b89006319354a